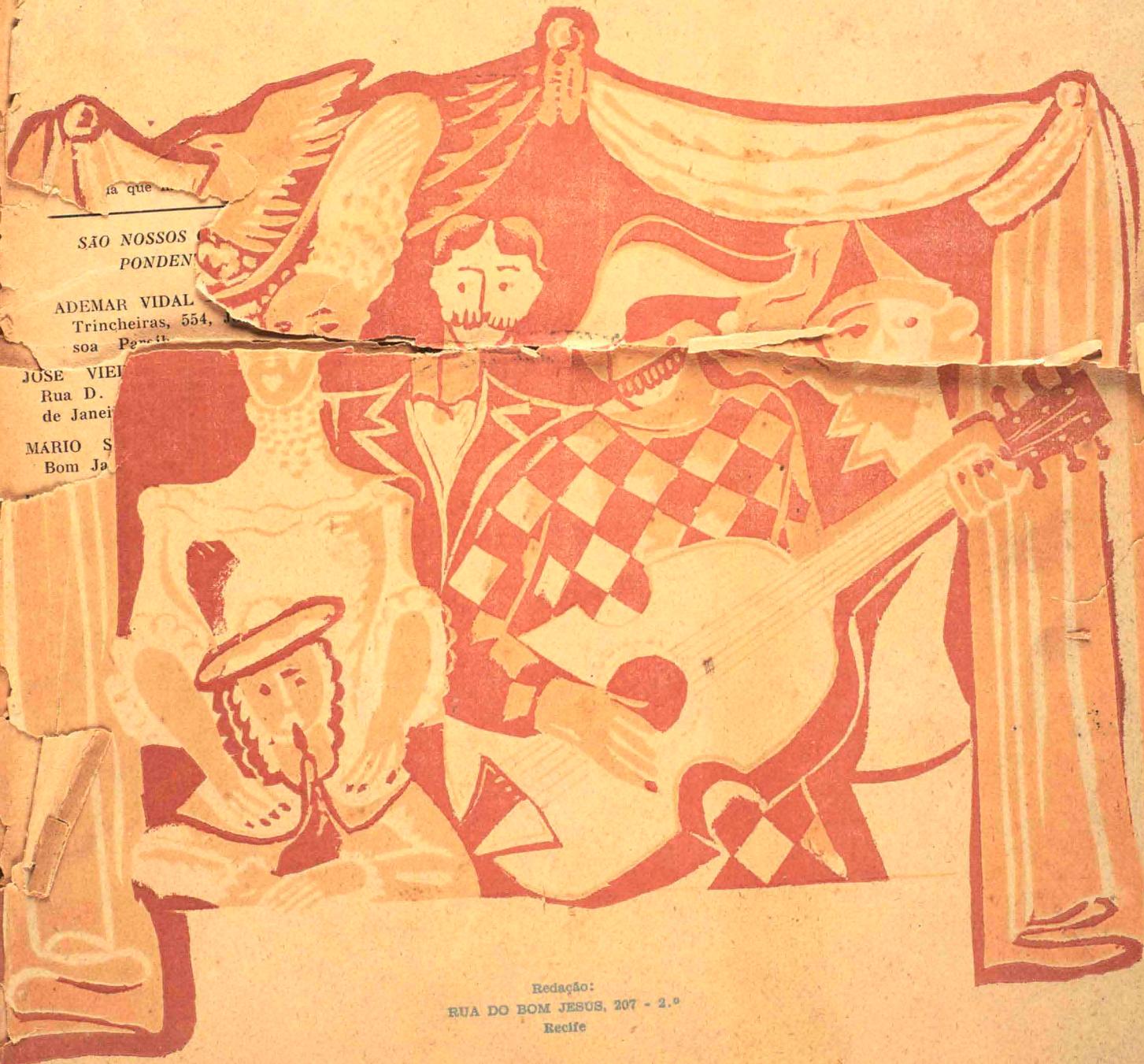


T702



# RENOVAÇÃO

DIRETORES: — EDGAR FERNANDES e VICENTE DO REGO MONTEIRO



SÃO NOSSOS  
PONDEN

ADEMAR VIDAL  
Trincheiras, 554,  
soa P...

JOSÉ VIEL  
Rua D.  
de Janei

MÁRIO S  
Bom Ja

Redação:  
RUA DO BOM JESUS, 207 - 2.º  
Recife

EXPEDIENTE

RENOVAÇÃO

ORGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

Direção de EDGAR FERNANDES e VICENTE DO REGO MONTEIRO

Redação: Rua do Bom Jesus, N.º 207 - 2.ª Recife - Pernambuco

NÚMERO AVULSO ..... 1\$000
NÚMERO ATRAZADO .... 2\$000

Assinatura para 24 números

NA CAPITAL ..... 30\$000
NO INTERIOR DO PAÍS 35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente.

Os originais literários enviados a RENOVACAO não serão devolvidos ainda que não publicados

SÃO NOSSOS CORRESPONDENTES:

ADEMAR VIDAL — Rua das Trincheiras, 554, João Pessoa Paraíba

JOSE VIEIRA COELHO — Rua D. Gerardo, 52. Rio de Janeiro.

MÁRIO SOUTO MAYOR — Bom Jardim. Pernambuco.

DALMO BELFORT DE MATOS — Rua Desembargador Vale, 453. São Paulo.

LEDO IVO — Rua Nova, 77. Maceió. Alagoas.

LUÍS DA CAMARA CASCUDO — Rua da Conceição, 564. Natal. R. Grande do Norte.

ALUIZIO MEDEIROS — Rua Dr. José Lourenço, 1307. Aldeota. Fortaleza. Ceará.

IGNACIO LASSO— Cassila de Correos, 163. Plaza España. Quito. Equador.

FANCISQUEZ GUZMAN — Sabana del Blanco "Quinta Josefina". Caracas. Venezuela.

PABLO ALVARO DE CANAS — Calle A. Av. 102. Esquina 5.ª Vedado. Havana. Cuba.

Renovação

Sumário

O Trabalho, meio obrigatório de progresso, Débora do R. Monteiro. — As Estrelas e o Cárcere, Manuel Anselmo. — Museu da Poesia, Willy Lewin. — Cicero dorme, Gastão Bittencourt de Holanda. — A noite no engenho, Ademar Vidal. — Quatro anos de Poesia, Antônio Girão Barroso. — Os rios na história colonial, Dalmo Belfort de Matos. — POEMAS de Carlos Monteiro, Cláudio Tuiuti Tavares, Benedito "star", nho, José Cesar Borba, Deolindo Tavares, Mário Souto Mayor, ndizível mis- Andrade, Maria de Jesús, Lêdo Ivo, Laércio Coutinho de Bai "mal-feito", Otacilio Colares, percorrido nduzem a o situam, neutro — ventos da

O MISTICO

Ele subira à montanha em busca das táboas que o profeta quebrara is objetos, e situado
atante da grande multidão adorando o ídolo.
Em roda hélices passavam gritando distancias.
Vinha da planície a musica discorde dos comentimentos humanos.
A mulher nua passou conduzindo no sexo o nati-morto
e rasgou-se da nebulosa o ventre misterioso
e surgiu o coração do filho sangrando mil partes
e o pranto das onze mil virgens imprecando contra a vida inútil.
Do microfone saiu a voz do chefe para os exercitos
e o gládio do arcanjo estilhaçou-se contra as babeis de aço
e os seus fragmentos cairam sobre os homens em chuva ignea.
Em vão o menino procurou entre o povo o ventre de origem,
que das creches vinha o choro de mil bocas famintas.
E veio a madrugada e a luz se fez de novo sobre a face das aguas
e continuou vindo da planície a musica discorde dos cometimentos humanos.
Só a túnica do místico panejava ao vento como a aza de um anjo.

Otacilio Colares.

ARTIGOS PARA HOMENS

COMPREM NA

CAMISARIA ESPECIAL

Rua Duque de Caxias 231-235

## DESEJO

Carlos Monteiro

Meus olhos sentem saudades  
Das paisagens desconhecidas  
Por onde eles nunca viajaram...  
O sentido inexprimível do Impossível  
Se apodera de todos os meus sentidos.  
As minhas mãos inquietas desejam  
Anular a noção de Tempo e Espaço  
Para ir colher o sorriso primeiro  
Da primeira mulher  
Para enfeitar a vida  
Dos que ainda não nasceram  
E ir pelas campinas floridas  
Apanhar os lírios immaculados  
Para espalha-los profusamente  
Pelas portas dos bordéis internacionais...  
E meus lábios precisam dizer  
As crianças da geração futura  
Que pisem devagarinho  
No tapete verde dos jardins longínquos  
Para não machucarem as violêtas ocultas  
Que talvez sejam lágrimas cristalizadas  
Das angustiadas crianças de hoje...  
Eu sinto u'a imensa vontade de ser bom!  
Mas, como, Senhor?  
Si tudo ao redor de mim é podridão  
E a brutalidade da vida  
Esmagou para sempre  
O sonho de luz do último poeta?

## O ENCONTRO

Encontrar com Cristo  
a uma e meia da manhã.

Por que os caminhos se fizeram ásperos  
muito embora às margens dos caminhos  
tenham brotado sebes de rosas?

Vou me encontrar com Cristo  
a uma e meia da manhã.

Porque, então, nesse momento  
não me cega a estrela das grandes vigílias?  
Preciso estar desperto, mais do que nunca desperto,  
e sinto que adormeço sob finíssimas lâminas de ouro.

Tenho que me encontrar com Cristo  
a uma e meia da manhã.

Mas o vento não canta sinfonias enlouquecidas  
nem os espinhos dos roseirais se cravam em meu peito,  
e sinto que me transformam em minúsculo grão de  
sob o silêncio das noites obscuras. [poeira  
Preciso estar desperto

antes que a aurora ilumine os telhados do mundo  
e Edipo me conduza ante os enigmas;  
preciso estar desperto  
mas há tantas encruzilhadas, tantos desesperos, tantas  
[incertezas...

Não me espere no vale verdejante.

Estou adormecido sob finíssimas lâminas de ouro.

Deolindo Tavares

ARTIGOS  
PARA  
HOMENS  
COMPREM  
NA  
CAMISARIA  
ESPECIAL



### INSTITUTO DO CAFÉ EM PERNAMBUCO

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.  
RECIFE — PERNAMBUCO

Financia os cafeicultores do Estado seus associados a juros baixos e longo prazo  
Promove para seus associados a aquisição de maquinismos para seus serviços agrícolas e melhoria de produção

AV. MARQUÊS DE OLINDA N.º 35

1.º ANDAR

RECIFE — PERNAMBUCO

MANTEIGA

ITACOLOMY

A melhor

manteiga



O GUARANA' Fratelli  
Vita dá vigor ás  
creanças!

DE GUARANA' AO SEU FILHINHO PARA  
TORNA-LO UM BRASILEIRO FORTE E  
CAPAZ DE VENCER A LUTA PELA VIDA!

### POESIA E MISTÉRIO DOS MOVEIS SEM ESTILO

(Conclusão)

na de morar” de Le Corbusier — a descoberta perturbadora e aparentemente kabalística feita por Salvador Dali *d'une beauté terrifiante et comestible* na arquitetura “Modern Style” constitue certamente uma armadilha que a Poesia de mil faces coloca em nosso caminho.

Tropeçamos a cada passo. Ao dobrar cada esquina — em plena luz — podemos cair, inesperadamente, nos abismos de uma noite inquietante mas sedutora.

De um lado, as máscaras serenas e harmoniosas de uma Venus de Milo ou de um Apolo — que sabemos porque são belas. De outro, por exemplo, aquela estátua de Etiènne Dolet em Paris, Place Maubert, que segundo a confissão de André Breton (1) “sempre o atraiu e lhe causou um inexplicável malestar”.

Há, sem dúvida, um profundo, um indizível mistério num certo “mão-gôsto”, num certo “mal-feito”, num certo grotesco. Nem todo grotesco é percorrido por idênticas voltagens. Um há que o conduzem a uma tensão extrema; que o desequilibram e o situam, além do ridículo, numa espécie de território neutro — no man's land já efetivamente varrido pelos ventos da Poesia.

O enigma das casas, dos monumentos, dos objetos, dos móveis sem estilo têm de ser pressentido e situado não sob o sol mas sob a noite dos poetas. Um “Ultra-Movel” de Seligmann, um “Divan-Lábios” de Salvador Dali não são “belos”, não são “confortáveis”, não são “funcionais”, não são nem mesmo móveis. São transcrições, traduções de sonhos.

Maio, 1941.

Willy Lewin

(1) — Cf. NADJA.

### USINA MASSAUASSU'

A Usina Massauassú Dispense anualmente, com Assistência Social:

30:000\$000, para os desamparados  
35:000\$000, para assistência farmaceutica, médica e dentária

Os operários têm gratuitamente, casa com saneamento, agua encanada e luz eletrica.

A Usina Massauassú justifica, assim, o bom renome de Pernambuco, vanguardista das grandes iniciativas de Justiça Social

Os revoltados políticos pedem pão para o corpo social.  
O poeta e o artista o alimento para o espírito.  
Os primeiros serão saciados os outros nunca.

\*

A revolução política e a revolução artística às vezes se encontram paralelamente, mas não perseguem o mesmo fim. Daí a grande confusão que existe em nossa época, entre arte e poesia de vanguarda e revolta social.

\*

A revolta social é uma vaga de profundidade.

\*

A revolução artística é uma ascensão estratosférica com rupturas de amarras.

\*

A revolução artística e poética é uma corrida de "relais".

\*

A Arte e a Poesia não perseguindo fins utilitários, são revoluções em estado permanente.

\*

A revolução social procura estabelecer uma nova ordem, portanto, uma nova cristalização acadêmica.

\*

O poeta pôde cantar a exaltação de um crêdo libertário ou os encantos de um regime autoritário; neste momento o poeta cede o lugar ao homem político, não ficando por isso diminuído; todavia, data a sua poesia.

\*

A participação do artista e do poeta nas revoluções sociais serviu algumas vezes ao indivíduo como meio de expressão anti-burguesa (burguês-rotina e não no sentido social).

Todavia, o estabelecimento da nova ordem política sempre desmontou o poeta do seu fogoso Pégaso, pelo espírito reacionário inato da "Ordem".

\*

A Poesia como Fenix renasce de suas cinzas.  
A Revolução social toma fôrma das cinzas do adversário.

\*

A mutilação da Vitória de Samotracia tirou-lhe os atributos do tempo dando-lhe os do espaço.

\*

Um torso sem cabeça e sem braços é uma obra sem data, portanto uma obra de arte.

\*

A verdadeira poesia não tem cabeça nem braços.



Desde o palitôt saco  
ao elegante smoking

Vendedores exclusivos  
neste estado

**CYSNEIROS & CIA.**

Rua Duque de Caxias  
n.º 281

Fone 6758

**RENNER**  
A BÔA ROUPA



## MEU SONHO É O SONHO DE TODOS...

...os filhos desta nossa terra. Queremos vê-la elegante e bela, para orgulho dos que aqui residem e prazer dos que nos visitam.

— Não é pequena a minha parte neste trabalho de iluminar a cidade para que todos a vejam. Mas, muito maior é a satisfação que tenho de estar concorrendo para o desenvolvimento desta cidade — diz o Snr. Kilowatt, seu criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER C.º LTD.

Rua 1.º de Março, 106 — Tel. 6723 — Recife

# O TRABALHO MEIO OBRIGATÓRIO DE PROGRESSO

Debora do Rego Monteiro

(Para "RENOVAÇÃO")

Deveramos escrever sobre S. José, pouco tendo dito neste particular do que pretendíamos ou do que podíamos dizer, em linhas publicadas nesta Revista. Agora trazemos outro assunto. Mais tarde ensaiaremos de novo o primeiro. É preciso mesmo que penetremos melhor o interior daquele grande homem de Deus, que atendamos bem ao que fez, à expressão da sua santidade.

\*\*\*

Que conceito do trabalho têm os que trabalham? (Não perguntamos isto da parte dos que não o conhecem "no batente", com experiência pessoal de subordinados, ainda que estes últimos formem dele talvez o conceito mais objetivo ou adequado). Como aceitamos o trabalho ou o produzimos, os que podem assegurar a vida própria e da família pelo esforço de cada dia, os que só dêste modo podem assegurá-la?

Semelhante inquirição poderia fazer-se mas sem grande necessidade. Quando se fala ou conversa sobre trabalho logo se externam apreciações e opiniões que nos fazem ver algo a respeito, como si se empregasse talvez um certo método de inquerito para saber isso mesmo.

Por semelhantes manifestações pôde-se concluir que, geralmente falando, gosta-se do trabalho, pensa-se gravemente no seu valor seja sob este ou sob aquele aspecto, especialmente como formador do homem todo, influinte com muito poder no seu aperfeiçoamento?

Não se pôde concluir que o trabalho seja vulgarmente estimado, já pela consideração de ser meio necessário à produção de utilidade real, de riquezas, valores ou bens imateriais e materiais, dando como resultado a subsistência própria. Queriam muitos consumir improdutivamente, satisfazer às suas necessidades, com um padrão de vida bem regular, não tendo contudo que usar das suas forças humanas! No fundo por que será? Muito limitadas são as suas forças? Não suportam a disciplina que todo trabalho supõe? Ou sofrerão o contágio dos preconceitos sociais que julgam que se não podem eximir do áspero trabalho quotidiano? Sentirão o fascínio do capital burguês?... — Acertando-se com as fraquezas e o mal, é que então será possível tentar prestar auxílio...

Em presença dos que têm realmente energias para trabalhar, aptidões especializadas, preparo técnico, encontram serviço, obra a fazer, sem ter verdadeiramente vontade de trabalhar, é dever daqueles que não cultivam indiferença burguesa mas pelo contrário procuram servir aos proletários, incutir-lhes interesse e o gosto do trabalho. É uma atuação certamente para apóstolos cristãos. E não pôde deixar de dar fruto sua benevolente atividade, si infundirem na pasta dos trabalhadores o genuíno espírito cristão do preceito do trabalho, da dignidade do trabalho e da santificação do trabalho. Ah, fazer sobretudo que eles atinem com a santa finalidade do trabalho, com a alegria que lhe apaga o caráter de penalidade, que grande obra!

\*\*\*

Explica a Sagrada Escritura: "O homem é feito para trabalhar, assim como o pássaro para voar". Jo. 5,7.

Vindo integralmente de Deus, inocente e puro, apenas saído das mãos do Criador, devia se ocupar cultivando o paraíso terreal em que foi colocado. Gn. 2,15. Esse terreno tão fértil não precisava de cultura, diz S. João Crisostomo; mas Adão é que precisava de ocupar-se.

Em tal lugar essa cultura era para ele a tarefa conveniente.

Seria não fazer caso da complexidade e perfectibilidade da natureza do homem, não concordar na necessidade que tem de trabalhar, quando o mesmo Adão e sua companheira e auxiliar, Eva, por

Deus cumulados de dons naturais, sobrenaturais, e preternaturais, dons maravilhosos, altos privilégios, tinham de trabalhar no seu jardim de delícias.

Mas o que é o homem? Considerando-se apenas a sua vida natural, podemos dizer: "O homem é um composto misterioso de corpo e de alma, de matéria e de espírito que unidos intimamente não formam senão uma única natureza, uma só pessoa. É, por assim dizer, portanto o ponto de junção, o traço de união entre os espíritos e os corpos, um compêndio das maravilhas da criação, uma sorte de mundo que resume todos os mundos, e manifesta assim a sabedoria divina. É um mundo cheio de vida"... ("Pour ma vie intérieure", par Adolphe Tangnerey et Jean Gautier-).

Ora a vida é uma luta, um exercício sem intermitência, toda a vida deve ser uma atividade bem dirigida e sujeita a uma disciplina que encaminhe à inteira perfeição do ideal cristão, emanação e graça do divino Fundador do cristianismo: àquela perfeição querida e ordenada por Deus, Autor da Vida, de cuja plenitude descemos e à qual voltamos!

\*\*\*

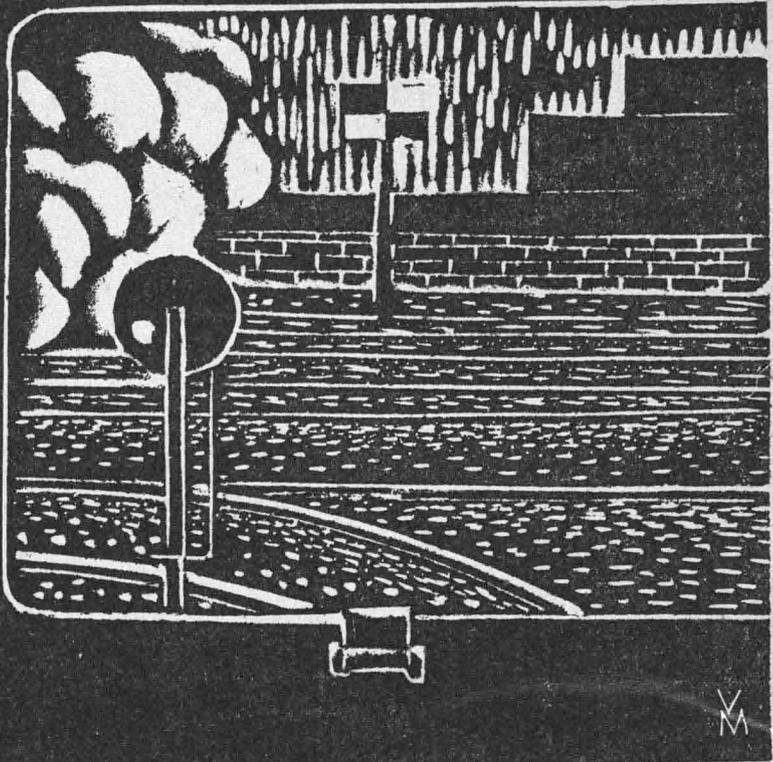
É evidente que a lei que obriga ao trabalho não faz exceção de ninguém: o seu autor é o Todo-Misericordioso. As energias do corpo, da alma, do espírito, querem trabalho corporal, mental e espiritual. O trabalho que foi primeiro uma bênção, não passou a ser, dentro dos desígnios divinos, sinal de opróbrio, um elemento preparado para a nossa ruína, em consequência da queda original, do ato de rebeldia do primitivo casal seduzido com a tentação do fruto proibido e a espantosa perspectiva de se igualar a Deus, subtraindo-se ao estado de dependência. — Cometido o pecado, aquele homem e sua mulher foram expulsos do paraíso, e entregues à concupiscência, condenados ao sofrimento, à doença, à morte, principiando a terra pela maldição do Criador, a dar somente espinhos e abrolhos, tendo Adão de cultivá-la para se sustentar, e de comer o pão com o suor do seu rosto; o trabalho se tornou penoso.

Tornou-se penoso para ele, para a companheira e para a estirpe humana, filha de ambos, à qual não puderam transmitir a justiça original, — a graça santificante, — o dom da integridade, seus privilégios especiais, a não ser o pecado da raça. "Por um homem só, entrou no mundo o pecado". Rm. 5,12.

Entrava todavia no plano divino a salvação da raça humana pela Redenção e distribuição dos seus meritos. Obra de amor infinito, obra de um Homem-Deus, os seus efeitos são divinos, superabundantes, as suas influências compreendem todos os momentos e lugares do tempo e do espaço; não obstante isso, — tendo como chefe o Filho do Pai eterno, mediador ideal, e podendo readquirir os bens sobrenaturais, pela cooperação na obra da própria Redenção, cada ser racional e livre, — nenhuma reparação houve que nos restituísse os dons preternaturais, a imunidade do sofrimento, a imunidade da morte, etc. O trabalho por conseguinte continua penoso, áspero, exige esforço. Atestam-no os artifices, os proletários. f.

Como porém nos cumpre agir, si transferidos para o reino da luz de Jesus Cristo?

Transferidos para o reino da luz de Jesus Cristo, sabendo o trabalho instituído para todos e consagrado pelo divino Operário, que viveu em trabalhos desde a sua mocidade, sacrificando-se sem alívio, cumpre-nos cada dia aceitarmos e procurarmos trabalho, bendizendo a Deus pelo meio indispensável de penitência e perfeição que nos oferece em vários gêneros de trabalho compelindo-nos a este. Além do que, testemunharmos, talvez um pouco como num bom filme, por palavras e sobretudo pelos atos, a excelência e necessidade do trabalho.



O rápido correspondera à ordem do chefe da estação e mergulhara no túnel do Rocio, com velocidade comedida, a sua enorme cauda de lagarto. Numa das carruagens de primeira classe, Carlos de Sousa Henriques, que se dirigia para Santarém, após doze anos de África, fechara os olhos, atordoado pelo fumo, pelo sono e pelas recordações. Chegara na véspera de Angola, no *Quanza*. Fôra ficar à sua casa no Bairro Alto, na Rua do Século, nua já dos cuidados e devoções de sua Mãe, enterrada havia um mês, e terrivelmente silenciosa por isso. Pedira logo à Sra. Maria, velha criada da família, que o acordasse cedo no dia seguinte, pelas sete e meia da manhã, — pois desejava seguir sem demora para Santarém, onde o chamavam interesses da herança e saudades de família. Sobretudo, o que o impelia a partir imediatamente e o afastava da sua tão idolatrada Lisbôa, era aquele silêncio de chumbo, doloroso e carregado, que pesava até nas rosas-chá com que a Sra. Maria guarnecera o oratório, iluminado a tóda a hora. Carlos de Sousa, após uma mocidade boêmia e revolucionária, decidira-se, contra vontade de sua Mãe estremosíssima, a Senhora Dona Guiomar, a partir para Angola, na esperança de restaurar lá os nervos e a vida. Oficial do exército demitido pela República por causa da sua heróica intervenção no Monsanto, e cuja valentia interior lhe valera, já no Colégio Militar, o cognome de Carlos "O Temerário", a sua ação em África fôra digna da sua nobreza de ânimo: esforços sem conta, arrojos constantes, honestidade impoluta, serviços férteis e desinteressados, riscos contínuos e a mesma fé intransigente na vitória. E também aquela ternura que se fazia emoção e lágrimas sempre que, ao piano, o seu querido Beethoven lhe falava dos formosos olhos verdes da glória...

Voltava com quarenta e cinco anos, trazendo consigo a mesma sensibilidade feminina, extasiada perante os mo-

# As Estrelas e o Cárcere

(Primeiro capítulo do romance inédito "A noite é cúmplice")

MANUEL ANSELMO

tivos mais fúteis, e a nobreza de um caráter que, na genealogia de sua família, dera fecundas provas no Toro, nas guerras da Restauração e nas campanhas de Mousinho. A Sra. D. Guiomar, que o estremecera apaixonadamente, costumava dizer dele às amigas íntimas:

— O meu Carlos terá muito gênio, terá. Mas a sua alma é de santa...

De santa, sim, porque em Carlos, por misterioso acontecimento psicológico e emotivo, vivia uma alma feminina, enternecida. Quantas vezes, em África, após as caçadas homéricas, se deixara êle impressionar pela tristeza dos antílopes ensanguentados ou pelos berros dos leõezinhos cujos pais havia ido abater à intimidade dos próprios fojos! Por tudo e por nada se lhe marejavam os olhos de lágrimas, — dêle, um herói. Não se comportava assim, porém, nos momentos difíceis. No Monsanto, quando a bandeira azul e branca fôra hasteada e a sua divisão, em continência comovida, a vitoriava, Carlos olhara-a sem um estremecimento mas em perfeita posição de sentido. Reconhecia nela oito séculos de história — todo o cortejo dos vários heróis que a honraram, entre os quais vários do seu sangue. E bradou, numa voz que vinha de longe:

— Rapazes está ali a Pátria!

As balas silvavam em tórno, ferozes e tórvas. Foi preciso fazer destroçar o batalhão e irem todos ocupar posições novas. Só êle ficou, com os seus olhos grandes muito abertos, a fitar a bandeira querida.

— Fuja, meu tenente, êste reduto vai ser ocupado dentro em breve pelos republicanos que ali vêem com metralhadoras — bradou-lhe, de longe, um voluntário dedicado.

A bandeira azul e branca preenchia, porém, naquele momento todo o seu mundo. Na metade azul que drapejava ao vento, entornava-se a onda da sua inquieta e misteriosa sensibilidade enquanto que, na parte branca, se refletia a nobreza do seu caráter, herdada de várias gerações de heróis. Uma bala mordeu-lhe o chapéu. O combate atingiu, então, o auge. Durante cêrca de uma hora, a saliência do môrro a que o seu batalhão se apoiara, resistiu heroicamente. Dos seus companheiros restavam vinte.

— Fujamos, meu tenente, fujamos. Estamos perdidos...

A própria voz dêsse camarada dedicado se perdeu na agonia. Varrido de metralhadoras, o local parecia um cemitério. A bandeira azul e branca, contudo, lá continuava a drapejar, a-pesar-de furada de balas. Carlos de Sousa, então, num gesto frio, sem teatro, chamou os seus homens e bradou-lhes:

— Tendes ali o meu automóvel. Fugi. Estamos perdidos, de fato...

Respondeu-lhe um por todos:

— Só sairemos daqui com o nosso tenente. Ou todos ou nenhum...

Rispidamente, num berro que traduzia uma ordem que não consentia discussões, Carlos de Sousa repetiu:

— Fujam imediatamente, já disse!

Mas para si completou:

— Basta que eu fique para salvar a bandeira ou caso contrário para morrer...

Os soldados, comovidíssimos, obedeceram enquanto Carlos de Sousa, com uma metralhadora enlouquecida, se ia encaminhando para perto do pano azul e branco que tremulava ainda, ingenuamente, no tópo de uma haste improvisada.

Os adversários perceberam a intenção e apertaram o cêrco. Cairam vários dos republicanos que se abeiravam da bandeira na intenção de a tomar. Dai a um instante conseguia de fato Carlos de Sousa, num esforço homérico, aproximar-se da haste, ao cimo da qual, embora suja da pólvora e comida das balas, a bandeira querida resistia. Bradou então, fora de si, aos adversários prestes a cercá-lo:

— Poltrões! Miseráveis! E' a bandeira da Pátria...

Respondiam-lhe de lá:

— Viva a República! Viva a Liberdade!

Esgotadas completamente as munições, Carlos de Sousa reconheceu-se então perdido. Só a bandeira o animou. Derrubou a haste, e, quasi ao mesmo tempo que se encontrou cercado, a bandeira era guardada amorosamente no bolso interior do seu casaco.

— Mãos ao ar!

Reconheceu-o um popular exaltado e denunciou-o:

— E' o tenente Carlos de Sousa, rapazes, um *monarca-lhão* miserável...

O herói endireitou o busto, arqueou o peito, deu aos lábios um trismo de desprezo e, com os olhos grandes muito saídos, proferiu, num desafio:

— Canalha!

Uma pancada na cabeça com a coronha de uma arma, fez-lhe um lanho. Ele repetiu com mais desprezo ainda:

— Canalha! Covardes!...



Socos e coronhadas, vindos de todos os lados, quebraram-lhe os dentes, feriram-lhe o nariz, lanharam-lhe o corpo. O mesmo ar de desafio e desdem continuava na expressão de Carlos de Sousa, até que, quasi esgotado, prestes a desmaiar, pronunciou heroicamente a frase que ficou célebre:

— Matem-me mas não me *chateiem!*...

Salvou-o, então, um marinheiro do Arsenal, comovido com a grandeza de ânimo revelada. Tomou uma bandeira verde e vermelha e cobriu-o com ela.

— Está protegido pela República! Os valentes são dignos da admiração do povo!

Após o julgamento ao fim de seis meses de prisão em S. Julião da Barra, viu-se Carlos de Sousa demitido e quasi caluniado. Correu então a França, Alemanha, Bélgica e Itália e partira ao cabo, enjoado e triste, para Angola. A Sra. D. Guiomar preferira que fôsse antes para as veigas de Santarém fazer-se lavrador. E a Pátria? A bandeira azul e branca de Monsanto continuava a tremular na casa da Rua do Século, velhinha e súa de pólvora, num gabinete de recordações régias. Era ela o símbolo da vocação heroica, super-humana, de Carlos de Sousa; por isso a África o chamara e com seus olhos negros, tropicais, o fascinara durante doze anos.

O rápido parou em Setil. A paisagem sanguínea, quasi sêca nesse verão que corria, chamou a atenção dos olhos fatigados de Carlos. Por aquela campina corra ele, em pequeno, montado em cavalos velozes atrás de novinhos deslumbrosos. Os moços da lavoura de seu tio, o Dr. Baltazar Lima, chegavam a assustar-se com os seus arrojados galopes. A lezíria dominava-o completamente — e aquêl sol ofegante, cheio de nervos e insinuações. Ali conhecera o Alberto Mera, seu futuro companheiro da Escola Militar. Ambos se entregaram à paixão dos toiros naquela campina que a primavera pintava sempre de verde, até que o buço da adolescência os avisou da vida. Esse Mera morreu a seu lado, em La Lys, num doirado crepúsculo de 1917.

O resfolegar da máquina afastou Carlos da ensanguentada recordação. Mera cumprira o seu dever, o dever da sua farda. Para que lastimá-lo? Não seria mais digno de mágoa, êle, Carlos de Sousa, já quarentão, quasi calvo mas sempre adolescente, que à Pátria e à Causa dera somente umas quasi insignificantes gotas de sangue e se reconhecia, agora, neste seu regresso a Portugal, neurastenizado de tédio?

Os seus vinte anos correram assim depressa — como o rápido a caminho de Santarém. Virgem do coração, unicamente inflamado pelo amor da Pátria e dedicação ao Rei, conhecera Carlos de Sousa aos vinte anos uma gentil espanhola, a Harita, que tinha uma pele bronzeada, olhos cinzentos escuros e uma doce cabeleira oxigenada. A pele era, de fato, macia e doirada como a pôlpa de certos frutos tropicais. O namôro começou com sorrisos ingênuos, apertos de mão inocentes, cartas trocadas — e um abraço tão forte que enodoara de equimoses os braços dela. Havia sido na Nazaré, em Agosto de 1915. Tudo passou, porém, sem um único beijo porque a Guerra, estoirando nessa altura os nervos da Flandres, o levara, pouco tempo depois, para o front no Corpo Expedicionário Português. Fôra êsse, de resto, o seu único namôro. Não valia a pena citar a Eugênia, a costureirita do Rato, loira e magríssima, a quem devera a sua primeira grande revelação sexual. Essa dera-lhe uma língua muito doce, uns seios quasi *pasteurizados* e preocupações sem conta. Viera a morrer tuberculosa, como tantas!, no Hospital de Santa Marta. Afora ambas, nunca Carlos de Sousa tivera ensejo, até aquêl dia, de sentir o barulho do coração. Regressava de África aos quarenta e cinco anos, livre de qualquer ligação amorosa.

De seus irmãos, o Gaspar e o Antônio, dizia a Sra. D. Guiomar que Deus os fadara para pais. Tinha razão, de fa-

to. O Gaspar, advogado em Santarém e como Carlos solteiro impenitente, desafiava nas redondezas da comarca toda a legislação protetora dos direitos dos filhos ilegítimos. Saira loiro, de olhos cinzentos, e boêmio como nem em Coimbra o fôra o Antônio, atualmente casado em Ponte do Lima e senhor das mais belas propriedades de São Martinho da Gândara. Sua cunhada, a Maria Elisa, domesticara o leãozinho e aparara-lhe as garras. O Antônio mantinha-se agora, graças à ação da espôsa, um marido exemplar e sem aventuras.

Êle, Carlos, nascera para um sacrifício, uma finalidade sobrenatural. A vida dotara-o de uns olhos abertos, negríssimos, e neles pusera a morte as mais secretas esperanças. Daí, o seu drama, a sua natural inquietação. Em Angola, numa tarde violeta, terníssima, sentira como nunca que falhara na vida, sobretudo por não ter morrido, com glória, em qualquer das suas aventuras arriscadas. Momentos antes, um telegrama do Antônio avisara-o do falecimento da Sra. D. Guiomar — e êle associara, ao queixume sanguinolento da despedida do sol por sôbre aqueles morros africanos que estendiam para longe a orientação da sua sombra, o sofrimento que presumia imaterial, frouxo, do último suspiro de sua Mãe. Não chorara, não, — porque sofrera. A falta do seu mais querido bem — e era-o na verdade aquela santa! — enobrecera a sua angústia de uma virilidade emotiva nunca experimentada. A Sra. D. Guiomar morreu, abençoando-o; assim lho mandara dizer o Antônio que, no momento solene, se deslocara de S. Martinho à capital para recolher, com o Gaspar, a agonia da moribunda.

Carlos de Sousa recordava a bôca austera, os jeitos severos e a ternura infinita da falecida. Aos doze anos, quando a primeira aprovação no Colégio Militar lhe valera os parabens telegráficos dos próprios tios, sua Mãe chamara-o a braços, apertara-o muito, beijocara-o com lágrimas e dissera-lhe, numa satisfação suprema:

— Meu filho, bem hajas pela felicidade que me dás!...

Nem, ao longe, a quilha de nau fenícia que o vôo das gaivotas representava, poderia realizar a estilização do orgulho que tais palavras lhe provocaram. As gaivotas voavam, com suprema e helênica elegância, entre dois oceanos: o das águas líquidas, cujo aroma de sal contradizia a volúpia azul das distâncias infinitas, e o do éter, bordado de nuvens numa colcha que parecia, ao mesmo tempo, o desmaio do verde e do rôxo... As gaivotas vogavam, como naus fenícias, entre o parêntesis dos dois oceanos. Bem se viam, das janelas trazeiras, os seus bailes sôbre a barra. Êle, Carlos de Sousa, vogava também entre três oceanos de amor: o de sua Mãe, expressão carnal da Família, o da sua Pátria, expressão emotiva do lar, e o da Monarquia, expressão simbólica e suprema da glória e vocação heroica de Portugal. A Sra. D. Guiomar assim lho ensinara, de pequenino:

— Só a nossa terra é tudo, meu filho. O resto são teorias sem importância...

Já cadête, passara pela Batalha numa excursão académica. As filigranas de pedra, percorridas de estremeamentos históricos, fizeram acudir-lhe ao espírito a virgindade de Nun'Álvares, as novelas de cavalaria, o sorriso de Briolanja e as mãos brancas, patricias, da illustre Mãe da inclita geração. E murmurou para consigo:

— Que pena já não nos armarem cavaleiros...

Passeava pelo céu, com melancólica neurastenia, uma nuvem entre cinzenta e rôxa. Carlos de Sousa olhou-a e, tomado de súbito êxtasis, quasi iria jurara que dela o fitavam os olhos marulhantes do Infante e que a sua voz marinha, em que se escangalhavam as ondas de todos os oceanos, lhe repetia como sua Mãe:

— Só a nossa terra é tudo, meu filho. O resto são teorias sem importância...

(Cont. na pag. 28)

# MUSEU DA POESIA

WILLY LEWIN

## INTRODUÇÃO

por  
João Cabral de Melo Neto

O autor desta suite publicou anteriormente uma plaquete de poemas, de tiragem reduzida e hoje infelizmente exgotada, da qual não parece gostar sequer de ouvir falar. Entretanto, lá encontramos coisas como estas:

### CHIRICO OU O FIM DO MUNDO

*Colóquio das estátuas impassíveis  
Na praça deserta  
Onde sopra um vento de peste  
E um anjo lívido  
Agita as grandes azas  
Perspectivas oníricas  
Sob uma luz de eclipse.*

### ANGULO DE REFRAÇÃO

*Serviço do crime nas encruzilhadas  
da noite. As estátuas mutiladas gritam  
por socorro. Eis o poeta! Ele confabula  
com o fantasma e recebe a mensagem dos  
signos do Zodíaco. O outro lado é o in-  
verno do Polo, flôres árticas, cactus de  
gelo, estrêlas de alumínio. Como desviar  
a trajectória do Cometa? A sua cauda  
alonga-se até o fim dos tempos.*

Esta atual experiência está, talvez, mais intimamente ligada ao temperamento do poeta. Refiro-me à certa "inquietação" ou à certa "insatisfação", não pela poesia escrita, mas pela sua poesia escrita, traço que é a meu vêr um dos principais de sua personalidade (decerto responsável pela destruição de tantos outros belos poemas, de muitos dos quais jamais saberemos) e que o faz sair à procura dessa *poesia viva* (como êle mesmo disse certa vez), surpreendendo-a em circunstâncias e lugares que os poetas oficiais ignoram.

Esta é uma coisa que numa notícia, mesmo pequena como é esta minha, não poderia ser esquecida. (Penso agora que talvez ajudasse a descobrir a chave, não só dêste MUSEU DA POESIA como do próprio poeta, uma referência ao fato de ser êste um texto, digamos, de atmosfera; e é um poeta de atmosfera que encontramos nos melhores momentos do anterior 15 POEMAS, como numa série mais recente e ainda inédita de outros pequenos poemas). Antes de tudo, eu a vejo como um dos principais motivos que o levaram a escrever êstes poemas do MUSEU DA POESIA, poemas que a muitos parecerão inconsistentes, cuja poesia ficará para muitos, sem dúvida, afônica. Mas nos quais eu vejo uma reprodução daquele enorme pra-

zer de contar, de comunicar uma descoberta de ordem poética (insisto no comunicar, palavra que em relação a êste texto, emprego no seu sentido literal), coisa muito do autor, essa como que alegria de colocar sua sensibilidade ao nosso serviço: isso, por exemplo, de andar à procura dessas vinhetas antigas, sôbre as quais o sono pousou com sua poeira, ou isso de descrever o circo "Risos da Noite", descoberto por acaso nos arredores de uma pequena cidade de interior. Sem outra intenção que não seja puramente poética.



"J'aimais les peintures idiotes, dessus de porte, toiles de saltimbanques, enseignes, enluminures populaires; la littérature démodée, latin d'église, livres érotiques sans orthographe, romans de nos aieules, contes de fées, petits livres de l'enfance, opéras vieux, refrains niais, rythmes naïfs."

RIMBAUD

"Je dois confesser mon faible pour les films les plus complètement idiots".

André BRETON

"Je sais que mon texte a l'air trop simple, trop LISIÈLEMENT ÉCRIT, comme les alphabets d'école. Mais, dites, ne sommes-nous pas à l'école? Ne déchiffrons-nous pas les premiers signes?"

Jean COCTEAU

## MUSEU DA POESIA

### I

Sob os aplausos vibrantes da multidão maravilhada, o aeróstato dos irmãos Montgolfier sobe às núvens na clara e festiva tarde de domingo.

### II

Eis o misterioso e nababesco Conde de Monte Cristo! Ninguém sabe de onde veio. Todos ignoram a sua missão. Os homens de testam-n'ô por instinto. As mulheres suspiram por êle.

### III

Numa clareira do bosque o terrível Rocabole aguarda a passagem da diligência. Enquanto isso o Capitão Nemo, morto para o mundo, encerrado no bôjo metálico do "Nautilus", é rei e senhor das maravilhosas regiões submarinas.

### IV

Meliès apresenta ao público de Paris a Mulher-Borboleta. Mas o record do êxito é batido pela Viagem à Lua.

Bom dia, Cinema!

\*

Estas são apenas algumas amostras das curiosidades existentes no Museu da Poesia.

### CONTO

O personagem da direita era o Astrônomo, manejando um telescópio com o qual observava os anéis de Saturno, a Via-Láctea e outras maravilhas do Cosmos. O da esquerda era o Rei dos Gnômos da Floresta Negra, aliás facilmente identificável por uma gravura em aço de um velho livro de histórias. Entre ambos, debruçado sobre uma mesa de vidro, o Pintor Abstracionista fazia sortes com um baralho.

Depois de alguns instantes de observação silenciosa, o Astrônomo informou com a fisionomia grave: "Se os meus cálculos não falham, dentro de 15 anos, 4 meses, 2 semanas, 1 hora, 8 minutos, 3 segundos e 5 décimos, estaremos completamente perdidos!"

O Rei dos Gnômos exclamou: "Por que, meu Deus, por que me trouxeram para esta civilização tão fria, tão sem graça?"

Quanto ao Pintor Abstracionista, num movimento brusco, desmanchou a sua "paciência" e disse: "Com isto talvez revolucione as leis da mecânica celeste ou na pior das hipóteses descubra o colorido aproximado do eco!"

Foi quando surgiu pela porta dos fundos um cavalheiro de boas roupas e gestos afáveis. Não era outro senão o Sr. Warren, suposto amigo do Astrônomo e do Pintor, mas na realidade a soldo de uma sociedade secreta interessada em sabotar as notáveis experiências de ambos.

### REGATA EM CANNES

O poeta se transporta a uma tarde do ano de 1905, em Cannes.

Realiza-se uma regata. As águas e o céu estão gloriosamente azuis. As velas brancas dos yachts passam como núvens vagarosas.

Cumprе acentuar que em 1905 o poeta ainda não havia nascido. No entanto, recorda-se perfeitamente da inscrição em letras douradas — "Vive la France!" — que um menino de doze anos exhibia, orgulhoso, na fita do seu gôrrо de marinheiro.

### PROUST OLHA O MAR, EM VENEZA

Num terraço em Veneza, Proust contempla o mar.

A legenda da fotografia desbotada reproduz um trecho de "Albertine disparue" e diz que em Veneza a vida quotidiana não era menos real (e por conseguinte menos misteriosa) do que em Combray.

A fisionomia cançada e pensativa de Proust já não é mais a do jovem dandy de cabelos frisados, ostentando uma flôr rara à botoeira da casaca impecável.

Estamos positivamente diante daquilo que se convencionou chamar, com tôda a solenidade, um momento histórico: Proust começa a mergulhar no Tempo Perdido e a reconstituir-lhe o mais fugitivo minuto, o mais evanescido perfume, a mais imperceptível palpação.

### WALZERTRAUM

O Príncipe Otto, herdeiro da Corôa de Montebranco, numa das suas visitas a Paris, apaixonou-se loucamente por uma bailarina da Ópera.

Em face do escândalo, cujo rumor se alastra rapidamente por tôda a Europa, ameaçando produzir graves complicações na própria política internacional, o Primeiro Ministro do Reino resolve partir incógnito ao encontro do jovem Príncipe a quem exproba com veemência a conduta inadmissível.

Há entre ambos uma rápida e violenta cena. O Príncipe tenta resistir mas acaba vencido pelas razões de Estado e pelo sentimento do dever. Todavia, com que amargura! O próprio Primeiro Ministro sente-se emocionado.

Nessa mesma noite, com o coração partido, o Príncipe Otto regressa à pátria sem que ao menos lhe seja permitido despedir-se da amada, que tudo ignora e o espera no local e hora do costume.

As pessoas que desejarem evocar êsse tocante episódio, devem fazê-lo ao som da valsa "Danúbio Azul".

### MURDER CASE

Scotland Yard se defrontava com um enigma à primeira vista insolúvel. Um manequim decapitado, uma maçã e uma luva de borracha eram os únicos elementos de que dispunha para a descoberta do misterioso crime.

### LANTERNA MÁGICA

Os jardins de Versailles, a Torre Inclinada de Pisa, a Praça de São Marcos, a Ponte dos Suspiros, o horrendo e monumental Palácio da Justiça de Bruxelas constituíam, sem dúvida, as vistas mais importantes da coleção, no conceito unânime das pessoas mais velhas.

Todavia, para o poeta ainda criança — por que sortilégio, quem saberia dizer? — a querida, a para sempre inesquecível, a provocadora de inexplicáveis e obscuras nostalgias era a simples e banal imagem de um agente-postal de aldeia européia, com o seu quépi, os seus grandes bigodes, a sua farda azul, a sua bolsa de couro a tiracolo e o seu fiel cão da Terra-Nova...

### CRÔMO

O ciclista do primeiro plano usa pince-nez e um bonet listado de jogador de cricket.

A um canto do jardim, uma moça de singular beleza, empunhando uma raquette, conversa animadamente com um rapaz de grandes bigodes louros.

Tudo faz supôr que se trate de Miss Maud Watson, campeã de tennis da Inglaterra, no ano de 1888.

### 1900

A Exposição Universal de Paris do ano de 1900 acende tôdas as suas luzes, iluminando a Europa. A atmosfera é de alegria, frivolidade, despreocupação, otimismo. Com êsse espirito o mundo transpõe o limiar do novo século.

Milhares de visitantes acorrem das cinco partes do globo, ansiosos por admirar a Torre Eiffel, os primeiros automóveis e balões dirigíveis, afora inúmeras outras invenções mecânicas hoje pertencentes ao Museu da Poesia.

### O PIONEIRO BRUNEL

Em 1856, I. K. Brunel, um dos pioneiros do transporte moderno, vê finalmente os seus ousados projetos tornarem-se realidade.

Ao seu espírito de iniciativa, à sua firme determinação já devera a Inglaterra a construção da ponte pensil de Clifton.

Vemo-lo agora, nas docas de Bristol, assistindo em companhia dos seus dedicados colaboradores a partida inaugural para New York do seu primeiro grande navio a vapor, o "Great Britain".

Como tantos outros, o nome de Brunel não está apenas ligado à história da engenharia. É também simbolo de um periodo heróico em que as grandes descobertas mecânicas significavam risco, aventura e, por conseguinte, poesia.

### SALA DE JANTAR NOS COMEÇOS DO SÉCULO

O relógio-carrilhão acaba de bater oito badaladas. Nas altas paredes os daguerreotypos dos antepassados mais próximos da respeitável família burguesa, comendadores ou catedráticos da Faculdade de Direito, vigiam e asseguram — fantasmas emoldurados — a honrada, pacífica e sonolenta ordem que há muito tempo reina e certamente continuará reinando na espaçosa sala iluminada pelos bicos de gás.

Existe, todavia, a presença insuspeitada e latente de uma fôrça explosiva, um elemento de desordem e subversão, embora ainda mal definido, representado pelo rapazola de quinze anos cuja imaginação viaja durante a leitura absorvente do 3.º volume de José Balsamo ou as Memórias de um Médico, edição popular.

### GRAVURA EM AÇO

Tôda a Inglaterra vibra de entusiasmo. O Capitão Hatteras está pronto a partir para a sua memorável expedição ao Polo Norte. De pé, na ponte de comando do "Forward", êle saúda com um leve aceno a multidão que se aglomera no cais. Contudo, o seu rosto sombreado por um belo par de suíças não trói a menor emoção. É uma fisionomia severa e enérgica como a de todos os intrépidos "Lobos do Mar" da época.

## REVELAÇÃO DO AMERICANISMO

A notícia do deslumbrante baile de máscaras promovido em New York pela multimilionária Mrs. Mackay, cujo vestido constelado de pedrarias custara nada menos do que 50.000 dollars, foi divulgada em toda a Europa como uma das mais típicas manifestações de um novo espírito: o americanismo.

Estamos em 1903. As grandes capitais do Velho Mundo estão de frivolidade. Impossível sequer imaginar as futuras tempestades do século que acaba de nascer inteiramente cor-de-rosa. Todos procuram novos requintes, fórmulas inéditas de prazer. A visão imprecisa e por isso mesmo excitante de uma intensa vida mundana, no outro lado do Atlântico, desperta uma curiosidade unânime. É uma civilização que surge, estouvada, eufórica, segura de si mesma. E a "jeunesse dorée" dos verões na Riviera sonha frequentar algum dia os jantares regados a champagne nos "roof-gardens" dos arranha-céus de vinte andares cercados de milhões de lâmpadas elétricas.

## ESPELHO DOS SPORTS

Três vibrantes e entusiásticos "hurrahs" aos onze rapazes da primeira divisão do Arsenal F. C., vencedores da Taça da Inglaterra em 1889!

Com os seus longos calções e os seus grandes bigodes, eram tão impetuosos e ágeis sobre os verdes gramados quanto os seus atuais herdeiros de triunfos.

"Team" de 1889: glória e florão do "soccer". A sua flâmula ainda tremula ao vento dos "stadiums". E o seu espírito se confunde com a própria poesia dos sports.

## SHERLOCK HOLMES

Sherlock Holmes. O seu violino, o seu cachimbo, o seu fireplace, os seus silêncios.

\*

Fog sobre Londres. Os leões de pedra de Trafalgar Square estão imersos na bruma. Gigantescos policemen rondam em Soho.

\*

Um simples fósforo queimado: ponto de partida para uma série de deduções que desarticularão a mais complexa máquina do crime de todos os tempos.

O Dr. Watson não compreende mas confia. Os agentes de Scotland Yard não compreendem nem confiam.

Holmes sorri e guarda no bolso a minúscula chave do mistério.

## FEIRA

Sem o realejo e a valsa "Sobre as Ondas" o carroussel perderia o seu espírito.

Na barraca de tiro, soldados, marinheiros, boxeers e índios peles vermelhas de papelão colorido são ininterruptamente executados.

A tenda do fotógrafo ambulante com os seus fabulosos "fundos de composição" é uma das secções mais interessantes do Museu da Poesia.

## "L'HEURE ÉTAIT PARTICULIÈREMENT DÉLICIEUSE..."

O próprio estilo do conto publicado numa revista francesa de 1905 denunciava a frivolidade cor-de-rosa do escritor. Não obstante isso ou — quem sabe? — talvez por isso, que mistério, Deus meu!

Trafava-se de um jardim. O jardim de uma "vila" às margens azuis do Mediterraneo. Um jardim com aléas de ciprestes, hermas de sátiros perversos, repuxos e profundas perspectivas.

"L'heure était particulièrement délicate en cet endroit privilégié..." Imaginai, amigos, sonhai, chorai essas doces horas definitivamente abolidas!

Três moças com longos vestidos de organdi e largos chapéus de palha de Itália passejavam vagarosamente, gozando o instante fugitivo.

Imaginai tudo o que o conto não dizia, não poderia dizer. Imaginai as moças. Seriam belíssimas e em flôr. Certamente estavam em vilegiatura e sabiam dansar ao som da encantadora valsa "Adoráveis Tormentos", então em plena voga.

A mais jovem das três (suponede) teria perturbado inúmeros corações masculinos num baile de máscaras ao ar livre que alguns milionários extravagantes haviam promovido durante o último inverno, em Davos, na Suíça.

Esse baile — uma verdadeira "féerie" — assim tinha sido descrito por um dos mais apreciados cronistas mundanos da época:

"Foi um encantamento, uma visão de sonho. As lanternas venezianas cintilavam, refletindo-se no gelo. As grandes massas dos hotéis desenhavam no espaço silhuetas de ren-

das iluminadas. Ao longe as montanhas co-  
roadas de neve dormiam no escurinho de veludo  
azul-escuro da divina (oh!...) noite dos Al-  
pes. Sobre o gelo polido e fosforescente os  
pares enlaçados descreviam mil curvas gra-  
ciosas. E os sons vibrantes e lânguidos da  
música subiam ao céu que parecia uma Via-  
Láctea de reflexos..."

Mas regressemos ao jardim. "L'heure  
était particulièrement délicieuse en cet endroit  
privilegié..."

As moças passejavam. E certamente sor-  
riam, contando os seus segredos. Ah, os seus  
segredos!...

É bem verdade que já existia, um pouco  
mais para o sul, a poderosa base de Gibraltar  
de Sua Magestade Britânica. Mas na enseada  
tranquila só se avistavam alguns yachts.  
Quanto à artilharia de longo alcance e aos  
aviões de bombardeio, quem, Senhor, quem  
os poderia ao menos imaginar?

As moças eram belíssimas, podiam sor-  
rir, pensar nos seus "flirts" de bigodes frisados  
e, sobretudo, podiam passeiar vagarosamente,  
em segurança, porque a hora era deliciosa e o  
recanto privilegiado. E assim faziam. Sem  
de longe pressentir que iriam ser amadas, ar-  
dentemente amadas por alguns poetas despaiz-  
zados e mais ou menos condenados à morte  
no terrível ano de 1941.



## P O E M A

Maria de Jesús

Eu sei que há risos de alegria  
e dramas de paixões  
nas pedras das estradas,  
na beira dos caminhos,  
nos muros velhos das casas antigas...

As árvores foram testemunhas  
de cenas de sangue  
e de promessas de amôr.

Nas folhas dos jardins particulares  
e na relva das praças públicas  
há histórias escritas pelos anos...

E o sofrimento dos homens me assombra.  
Vejo moverem-se nas paredes  
fantasmas de gerações passadas:  
amantes contrariados,  
mães infelizes,  
crianças que foram atormentadas...

As lendas fantásticas  
de dramas impossíveis  
têm ares de verdade.

Das máscaras dos criminosos  
desaparece a maldade  
e só vejo nelas tristeza e desolação.

Onde ficaram os homens maus,  
os tiranos e os aventos?  
Onde estão os ricos e os poderosos,  
os sábios e os prudentes?

Mulher qual é o teu destino?  
Velho, que te deu a vida?  
Há uma tragédia de amargura e sofrimento  
em cada alma que passa.

E tenho vontade de estancar as fontes da vida  
e de parar o ritmo da criação!

# CICERO DORME

(CONTTO)

Gastão Bittencourt de Holanda

Aquele jovem palido não era chegado a sentimentalismos. Mas, com uma facilidade incrível via-se de repente em certos estados de espirito que lhe tomavam o coração de assalto, misteriosamente. O aspecto indiferente ensombrou-se logo com a lembrança de uma coisa passada, revivida então nos seus menores detalhes. Caía numa noite profunda, onde somente brilhavam os seus olhos verdes e cheios de primavera. Ai, residia-lhe a alma. E o seu cabelo era fino e liso. Morena, palida e transparente a sua pele. Uma ruga profunda rasgava a testa alta de lado a lado, denunciando um recalque, ou surgindo como a ilustração de uma mágua indefinida. Perpendicular ao nariz bem alinhado, caía a bôca numa contração nervosa. Dificilmente ria. Jamais sorriu. E desde pequeno, acabrunhado, casmurro e tímido, já sofria uma desilusão infantil; criança sem brinquedos e sem passa-tempo, vivia, mesmo entre os pais, como um ausente. A morte da mãe, parálitica durante sete anos, ainda hoje sulcava-lhe a memória lugubrememente. Cicero via o espétro de mulher, eternamente mudo, sucumbindo aos pouquinhos, na paisagem de uma noite insondável. Era um objeto esquecido sobre a cama de lona, cuja superfície já se encobria por uma camada de poeira destruidora. Morreu sem a presença de ninguém, insentida, sem lágrimas, na penumbra como uma planta. Os olhos verdes que também eram os de Cicero, ficaram abertos até que uma névem os apagasse, deixando-os também sem vida. Ele ficou ao léu, encontrando-se com o pai à noite, sob a luz de um candieiro, a tomar pausadamente goles de chá. Na pequena sala, a cara do homem, onde apontava uma barba negra e fechada, emergia da treva, aterrorizante. Cicero evitava o olhar duro e brilhante. A mesa era servida por uma preta velha que morava com os dois e não percebia ordenados. O dinheiro que os sustentava, êle jamais conheceu a sua origem. Nenhuma certeza, nenhum ponto vivo onde se apegasse, para dizer com segurança alguma coisa do passado. E do velho, restava a lembrança de uma sombra. Sômente o orfanato se entregava numa recordação mais viva e acolhedora. Foi o seu ponto de partida. Os monges ensinaram-lhe muitas coisas que o deixavam longe de seguir os homens maus. Mal compreendidas, entretanto, isolaram-no no mundo.

A perna direita de Cicero, oh! a perna direita, era mais curta do que a outra, e provocava um andar que lhe magoava como um pecado grave. Mortal e magro, coxeava uma vida intensa. Como revisor de provas num pequeno jornal vivia simples e humilde. Embora não lhe parecesse um horror, existir seria para êle um sacrifício. As mãos longas, sempre úmidas eram espontadas por dedos enormes, desproporcionais. A mão de Cicero parecia a mão de um anjo aleijado caindo pesadamente sobre o meu ombro. Ele acostumou-se ao tamanho das mãos mas não se habituou à desigualdade das pernas. Às vezes, quedava-se horas e horas num banco de jardim, o chapéu cinza caído para trás mostrando a larga testa nua, as mãos gigantes abandonadas, sentindo-se alheio ao mundo. O novelo do tempo se desenrolava facilmente...

Ouvira de um amigo que nos Estados Unidos os médicos já curavam côxos. Era a primeira vez que se referiam diretamente ao seu defeito. Até os seus pais faziam-se despercebidos. Não ligavam defeitos físicos. Na sua própria doença estava o universo inteiro e as deformidades alheias eram vistas como cousas normais. Porém êle viu que a América do Norte seria impossível. Ainda pensou em fugir, andar como um cigano, um clandestino, mas depois conformou-se com a ausência das terras distantes, dos países civilizadíssimos.

Agora junho chegava com chuvas frequentes e os dias úmidos. Naquela tarde, o jardim abriu-se diante dos seus olhos numa visão soturna. Caía uma chuvinha fina que mudava tudo ao longe, sob um reposteiro móvel. O panorama verde do arvoredo sombreava os olhos claros e levava até a alma um gemido profundo e demorado. Só, naquele mundo cheio de arvores que pouco se destacavam no céu cinzento, êle se via num desterro, fantasma de outros homens que teriam emigrado como aves para cidades afastadas. Era um oceano insondável qual a primeira noite, em cuja superfície Cicero boiava como um naufrago.



Quando parava, trazendo o guarda-chuva aberto sobre os ombros, derramava um olhar perdido sobre as plantas que choravam. Agora elas viviam como êle, e, lentamente o seu sangue circulava como a seiva extraída da terra molhada. Ele experimentava talvez, mais uma sensação de conformidade de que de alegria. Contemplou os bancos do jardim, brancos como a neve, expostos ao bafo do vento glacial. E lá no centro, ainda se desenhava o perfil antigo da fonte em bronze esculpido, guardada por dragões de histórias fantásticas. Horrendos animais que vomitavam água ininterruptamente. Porque não eram mulheres núsas, com uma folha no sexo, os seios perfeitos e redondos e que levavam sobre o ombro um cântaro?

Todos os outros homens então lhe pareciam criaturas indomáveis, más e anti-poéticas.

As nuvens se desfaziam agora em grossas bagas que fugitavam a sêda negra do chapéu-de-chuva. Novo estremecimento correu-lhe o corpo. Os outros homens eram más, inúteis. Cícero pensava no poeta.

“Quand la pluie étalant ses immenses trainées  
D'une vaste prison imite les barreaux,  
Et qu'un peuple muet d'infâmes araignées  
Vient tendre ses filets au fond de nos cerveaux”...

Depois olhou em torno de si e não via mais nada com clareza. Um infinito desânimo acorrentava-lhe a vontade e o deixava numa profunda indecisão diante do mundo. Nem mesmo sabia o que fazer depois. Seguiria um assassino que lhe trouxesse pela mão, ou uma mulher impura que o convidasse para cometer absurdos. Tudo nesse momento dominaria sobre Cícero. Atravessou a calçada como um hipnotizado, mergulhando os pés na água acumulada aqui e ali. Sentia-se impellido para uma grande aventura da qual não conhecia a natureza nem os efeitos. Meio imbecilizado e côxo pisou a roseira de um dos canteiros próximos ao passeio. O guarda chamou-o de longe “criaturinha estranha e má”. Vinha ao seu encontro, como para tomar alguma providência severa e conhecer mais de perto o sujeito que lhe pisava as plantas acintosamente. O abanhado da calça branca, molhada, estava levemente esgarçado por um espinho. Uma das rosas fazia esmagada no chão. O guarda surgiu de repente, como de emboscada, a farda amarela salpicada de pontos escuros.

— Seu môço, veja como pisa minhas plantas, disse o velho quase gritando. Cícero então pôde reparar que se tratava de um homem trigueiro, o bigode já grisalho, trazendo o chapéu quase enterrado até os olhos. Alguns fios de cabelo sem côr apareciam pela nuca. O brilho energético dos seus olhos bem mostrou ao rapaz que aquele homem se sacrificava pela ordem. Cícero lembrou-se imediatamente dêsses garotos que são pilhados roubando frutas em sítios alheios. Realmente era o que se passava. Parado, sem balbuciar desculpa, deixaria por terra tudo que se encontrasse em suas mãos. Depois caiu em si, logo que o homem disse pela segunda vez alguma coisa. E começou a examiná-lo detalhadamente como a uma raridade de museu. Era urgente qualquer palavra, mesmo que fôsse uma asneira. Quando notou a irritação crescente do velho, êle rodou o guarda-chuva no ombro e disse meio displicente, meio sarcástico:

— Alô, companheiro!

A chuva diminuía depressa e já se descobria um ou outro pedaço de azul. Um azul limpo que traz uma luz tonificada pelo crepúsculo.

Com o velho guarda as coisas começavam a despertar de um sonho. E Cícero notava detalhes mais vivos, com uma surpresa quase infantil. A colera de Otelo seria um ligeiro arrufo diante da expressão fisionômica do homem. A indiferença e a simplicidade da pergunta de Cícero, repercutiram como uma bomba. Mal êle pôde conter um gesto de impaciência. O rapaz compreendeu que pisar nas plantas do jardim seria magoar-lhe o coração. Sob aquele temperamento arrebatado que morria como uma luz que se apaga, nasceu entretanto uma outra criatura. Calmo, acanhado e vacilante, o velho guarda humilhou-se em meias palavras. Era uma dessas almas solitárias, para as quais um diálogo com um desconhecido é coisa que perturba. Cícero ainda ofereceu-lhe o agasalho para defendê-lo dos restos da chuva.

Ambos caminhavam agora em direção ao caminho do bonde. Um coxeando e outro curvado. Pacífico era o nome do velho que já começava a se familiarizar numa conversa sem alvo certo.

— Patrão, dizia Pacífico, o govêrno me paga para vigiar esse jardim. E' a única coisa que eu zelo em minha vida.

Tenho mais cuidado com êle do que comigo próprio. Gosto dessas plantinhas, e, quando vejo uma por terra sinto que se quebrou alguma coisa do meu corpo. Não tenho filhos, não tenho familia. Isso é minha vida. O senhor compreende porque me irrita com o que aronteceu agora.

Cícero ouvia-o como se estivesse a receber conselhos.

Ao longe cruzou um bonde e algumas pessoas surgiam. O asfalto molhado se estendia como uma grande lâmina até onde a vista alcançava. Do passeio os dois olhos verdes perderam-se numa divagação até o fim da avenida. Pacífico recomçava a falar com uma desculpa.

— O senhor vai se esquecer das minhas maneiras bruscas? Enquanto o rapaz respondia que “no seu lugar qualquer um fazia o mesmo”, uma expressão de alegria desenhou-se no rosto do outro.

— Até logo.

— Adeus — respondeu o velho.

Tomaram caminhos opostos.

Logo Cícero esqueceu a tarde e previu a noite aproximando-se, encobrindo. As escadarias do terceiro andar estavam acesas. Subindo, êle começou a perceber o falatório da pensão e o ruído de talheres e pratos. Jantavam cedo aos domingos. Empurrou a porta e a campanha tiniu com grande alarido. Quando se viu no interior do quarto sombrio, respirou com força. Voltou à sala de jantar. Já os hospedes comiam, falando e gesticulando. Havia um senhor bem escanhado, viajante, que sempre se sentava à cabeceira da mesa e trazia sobre si a atenção dos demais. Dava opinião sobre tudo, mas respeitava o silêncio habitual de Cícero. Sempre que expunha alguma coisa procurava o rapaz com os olhos, solicitando uma aprovação. Se êle respondia era em breves palavras. “Acho que sim, acho que não”. Mais nada. Além do curto “bôa-noite” nas horas de refeição, somente conheciam a voz de Cícero para trocar um prato. “Sujeito misterioso”. O resto da mesa era tomado por auxiliares do comércio e estudantes vadios, cujos pais moravam no interior. Geralmente escolhiam as horas de refeições para dar liberdade à língua. Depois de alguns meses de convivência já tratavam o Caldas por Conselheiro. O apelido que provocou uma certa reação a princípio foi aceito afinal com tolerância e depois com simpatia. Desde então, Caldas soltava o olhar pela mesa, participando fundo na vida de cada um. Nesse momento, a sua maior impressão era um jantar na Camara dos Comuns. Acreditava no espiritismo enquanto Ciência e esse negócio de definir o homem como um animal racional era muito impreciso e muito rudimentar. O seu rosto era retangular e cheio, encoberto por uma camada espessa de barba. Muito limpo e comedido nos gestos. O andar miúdo não testemunhava a gravidade de suas palavras. Tinha mãos gordas e os dedos curtos terminavam por unhas bem polidas. O Conselheiro viu, entretanto, no casamento uma experiência infelicíssima. A mulher não vivia com êle. Coisas do destino... Mais nada se conseguia saber de sua vida conjugal. Era agente de uma companhia de seguros de vida e procurava “segurar” todos os hospedes da pensão. Não raras as vezes que Cícero ouvia, entre garfadas de arroz branco, o Caldas dissertando sobre as vantagens do “seguro de vida”. Voltava-se para o lado e esquecia até a comida. Cícero retirava-se pelo corredor a dentro, claudicando. Os catalogos e tabelas do seu gênero de negócio misturavam-se pela mesa com os próprios pratos. Mas não convencia ninguém. “Muito bom, sim senhor”. E ficava na aprovação. A dona da casa, servindo, costumava soltar uma pilheria:

— Coma, homem. Deixe o trabalho para amanhã!

O Conselheiro sorria, descobrindo um canino de ouro. E verdade que o seu riso franco e o nariz arrebitado, tornavam-no mais jovial.

Um dia chegou do Maranhão o pai do Caldas. Era uma figurinha ridícula, cuja cabeça parecia uma castanha de cajú. Os olhos mal se apoiavam no narizinho. E quando sentado, as perninhas não tocavam no chão. À noite, rezava ajoelhado sobre a cama, e jamais se viu coisa igual. No meio dos lençóis brancos a figurinha quedava-se de mãos postas durante algum tempo. Parecia uma criança de dois anos. Alimentava as mesmas idéias do filho a respeito do espiritismo, mas não havia sono ou canseira que o privasse de orar suas ave-marias. Não se recolhia sem ter ruminado um pratinho de mingau. “Caprichos de velho, minha senhora. Nós não podemos passar sem certas asneiras”. A dona da pensão concordava e satisfazia-o com respeito. Quando o filho foi obri-

(Cont. na pag.24)

Para "Renovação"

O telefone tóca na escada.  
 Sinto-me prisioneiro, prisioneiro deste telefone tocando,  
 E não sei porque misteriosa metamorfóse  
 Encontro-me no campo, perto das águas.  
 Tudo muito verde, muito inverno, garças evocativas,  
 E um cata-vento energético como um camponês  
 Ceivando invisíveis trigais sobre o açude.  
 E' a lembrança que me traz o telefone tocando na escada:  
 Os banhos de açúde nas manhãs frias,  
 E o gesto maternal das águas  
 Recolhendo-se muito verdes com o fim do sol  
 Para agasalhar sob as plantas aquáticas  
 Os poucos peixes infecundos.

O cata-vento assistia o pôr do sol com as mãos algemas-  
 Todas as cisternas estavam cheias, [das.  
 Teríamos banho, teríamos agua fresca.  
 Despregaríamos das mãos os restos de terra,  
 E dos ternos manchados  
 A nódoa das arvores do caminho.  
 O cata-vento, porém, sentia-se tolhido e prisioneiro,  
 Seus desesperados movimentos de libertação  
 (Estava encadeado, as hélices mortas, gotejando  
 Pingos de suor no esforço para quebrar as correntes)  
 seus desesperados movimentos faziam um ruído seme-  
 lhante [lhante  
 A esse tocar inconstante do telefone na escada.

Sinto-me prisioneiro na solidão deste telefone tocando.  
 Os fios vêm de Copacabana, as vozes vêm alegres como  
 [esperanças de abril.  
 Nenhuma resposta. O telefone toca solitário na escada.  
 O telefone prisioneiro dos idílios desmarcados.

José Cesar Borba

Rio de Janeiro, Abril, 1941

Cláudio Tuiuti Tavares

Do enorme cáos universal sobremerge  
 A pureza sem dimensões da Poesia  
 Que dessexualiza o fedor singelo dos mortos  
 Num perfume instável e docemente penetrante.  
 As miragens vagas que descortinam o espaço dos sé-  
 culos [culos  
 Concorrem para aflingir ainda mais a minha ansiedade.  
 As aves pernalongas, fugidas dos subterrâneos do seio de  
 [Marte,  
 Carregam nos seus bicos metálicos côr de brasa  
 Oferendas maravilhosas para as divindades mutiladas.  
 Um ruído medonho e cheio de esferas violentas  
 Acompanha a caravana ciclópica dos adolescentes infer-  
 nais de Mercúrio  
 Que montam a cavalo em vigorosos violoncelos alados  
 E que, na sua carreira rápida e devastadora,  
 Massacram, impiedosos, os microcosmos inocentes do ar  
 E vêm estabelecer-se no resto do mundo que durou o  
 [Minuto.  
 O Poeta não pereceu, está deitado sob a calma do mar  
 E vermes roliços violam os sacrários do seu corpo,  
 Os sacramentos do seu corpo de vida inconciente.  
 Agora é que há a verdadeira poesia e a verdadeira arte  
 [dos seis sentidos.  
 A música adquire uma vida parecida com a dos sonhos  
 E os seus personagens vivem uma flacidez trágica.  
 As paisagens de cores as mais diversas e sonoras,  
 Os "nús", os homens, os meninos, as meninas serenas  
 [dos grandes quadros  
 E o instante de realidade abstrata dos grandes quadros  
 São transportados para os escombros pulsantes do  
 [Mundo,  
 Viverão milênios suportando somente a alegria e a delí-  
 cia inacabadas.  
 Irmãos, grandes irmãos dessa hora, é o cáos que está  
 [com o Alfa e o Omega!



# A N O I T E N O E N G E N H O

ADEMAR VIDAL

(Especial para Renovação)

**A**vista-se do trem um montão de ruínas escuras e feias. Que será aquilo? Alguma casa grande? São os restos do antigo engenho de bestas conhecido por "Japungú". Pertencera a um branco que não deixou muitos descendentes e estes mesmos se retiraram para fora do Estado. Vivem no sul como oficial de marinha e comerciante. Ficaram as tradições na cabeça do povo. "Japungú" teve vida como poucos engenhos da redondeza. Era uma animação que deixava a todos admirados. E de momento tudo se extinguiu. Acabou-se como que para nunca mais. Seu antigo e último proprietário era uma pessoa boa, morenã de sentimentos, trabalhador, casado com moça branca e com filhos bem alvos. Não saía do engenho. Por lá vivia cuidando sempre de alguma coisa. Mais distração que mesmo necessidade de ganhar dinheiro.

O tempo foi passando até que um dia o dono morre, a família larga a antiga vida, transfere-se para a capital, ficando o engenho abandonado inteiramente. O descaso chegou ao ponto de determinar a completa ruína depois de alguns anos. Afinal "Japungú" passou a outras mãos. Seu novo proprietário morava na vizinhança e por lá aparecia uma perdida vez. As histórias que começaram a ser contadas de certa forma espalhavam o espanto geral. E não eram histórias mentirosas não, elas bem que tinham o seu fundamento, se assentavam na verdade, era coisa que todos sabiam e viam. Contavam também com umas minudências impressionantes. Quem duvidasse que fôsse espiar pes-

soalmente. Escolhesse de preferência uma noite de luar por causa do movimento das sombras humanas. Estas ficavam mais visíveis. Também havia o que se ver quando as noites eram de escuridão. Mas dava trabalho e ficava melhor ir olhar o que se passava ao brilho plácido da lua.

"Japungú" então se reacendia todo, alastrava-se o movimento de gente saindo e entrando. Os cambiteiros arreiando as canas cortadas e o tombador na sua faína incessante. O bagaço caíndo do outro lado da moenda, era arrastado em esteiras de couro de boi para o páteo próximo. A bagaceira estava cheia e reluzente ao luar, brilhando que só prata limpa. Cantava-se desabaladamente. Todos os trabalhadores tinham o que cantarolar enquanto se sentia o cheiro agradável do caldo verde com a espuma branca fumaçando. A fornalha atirava línguas vermelhas para fora e pela boca do boeiro caía uma fumaça negra que o vento conduzia para as bandas do poente. E os carros cantando langurosamente. No engenho se trabalhava. Os pretos se achavam nos seus postos e se entregavam às suas obrigações com uma alegria pueril. Movimento que durava e que se espichava pela madrugada sem que ninguém fôsse interrompê-lo.

Percebia-se distintamente, mesmo à distância, o trotar das bestas na almanjarra, a engrenagem rangendo, estalando e movendo as moendas. Os nomes que elas tinham eram chamados de vez em quando. Bor-

(Cont. na pag. 23)

primeiro poema de Aluizio Medeiros data de 1936. E se chama "Fortaleza" e é um canto da sua cidade natal, um canto como o escreveram Ronald de Carvalho, em honra do Brasil e da América, e Jader de Carvalho, em honra do Ceará e do Brasil, este no seu admirável livro "Terra de Ninguém", que é, para mim, um dos documentos mais vivos e interessantes do movimento modernista brasileiro. Nesse poema, de fundo e de ação descritivista, Aluizio Medeiros faz o elogio de Fortaleza, cantando principalmente as suas ruas sempre tão alinhadas e alegres e os seus "omnibus", sem os quais, parece-nos, a nós, bisonhos provincianos, não seria possível passear-se nelas. E, também, a sua graça namoradeira, que um dia apaixonou para sempre, como a tantos outros, o poeta Yaco Fernandes, que escreveu em torno da capital cearense e da sua vida poemas, poemas e sempre poemas, e dos melhores que já se escreveram entre nós, mesmo quando o seu objetivo era escrever simplesmente... prosa. Mas, esse poema de Aluizio Medeiros, escrito quando ele tinha apenas dezessete anos, está longe de constituir um ponto alto ou que seja realmente significativo, pois, o que veio em seguida, a partir do admirável "Poema da ausência", datado de janeiro de 1937, é que iria marcar, com um aprumo e uma segurança que me causam ainda hoje surpresa e admiração, as linhas definidoras das suas verdadeiras tendências, isso não levando em conta a existência de outro poema ("Sinfonia", de novembro de 1937), do gênero do "Fortaleza" (mas cantando o Brasil, como já o fizeram, mais ou menos definitivamente, Ronald de Carvalho e Olegário Mariano), poema êssé que Aluizio Medeiros quasi chega a negar hoje, em que pese a admiração que tem por ele, um poema mesmo declamatório, o jovem Osmundo Pontes. As linhas definidoras das suas verdadeiras tendências — esclareço-me, retomando aqui o que vinha dizendo, — que iriam se acentuar mais ainda a partir do poema "Caminhos" (de janeiro de 1938), que é o poema em que Aluizio Medeiros, fazendo sua, sem dúvida, a voz de outros homens, que como ele sentem, na feliz expressão de José Auto, o "desabar das abóbas", ou seja do desabar de um mundo em crise, diz:

"Mergulharei nos mares  
e trarei das profundezas das águas verdes  
náufragos em desespêro  
e líquens e sargaços  
grudados nas minhas pernas  
e enlhados nos meus cabelos".

Sim, confirmamos nós, porque a missão do poeta não pode deixar de ser salvadora, e aqui, para exemplificar, eu me lembro de um outro poema, de Willy Lewin, o grande poeta pernambucano, em que este, referindo-se a Rimbaud, o Rimbaud "das grandes fugas e das solidões terríveis", afiança-nos que, a-pesar-de tudo, a-pesar-de nem sempre ter sabido sentir o perfume da Graça, "teve o privilégio de salvar os que pousaram por um minuto os olhos nos seus olhos". Esse poema de Aluizio Medeiros, "Caminhos", reconhecido três meses depois ("Caminhos — Poema n.º 2"), assim pode ser lido também:

"Já trilhei todos os caminhos do mundo.  
Fui aos mares e não vi peixes. Só vi sangue.  
Fui aos campos e não vi flores. Só vi ossos.  
Fui aos espaços e não vi aves. Só vi pássaros metálicos.  
Fui a outras terras conheci outros homens  
outras mulheres outras crianças e não vi sorrisos.  
Só vi lágrimas. Só vi choro.  
Percorri todos os caminhos do mundo  
e voltei com os ouvidos cheios do grito único unissono  
se avolumando se avolumando pelo tempo a dentro".

quando podemos nos esclarecer melhor a respeito de uma sua segunda interpretação e que não seria mais uma interpretação literal e sim a que esboçamos atrás.

O "Poema da ausência" representa na poética de Aluizio Medeiros, sempre tão grave e voltada para o mundo, que é na verdade o espetáculo que mais o comove e interessa, um momento de grande e puro lirismo, o que faz dêle uma das suas melhores coisas, nesta confissão, por exemplo, que não pode deixar de nos comover:

"Nesta hora em que a angústia da solidão circunda-me,  
tu terás outros olhos que olhem os teus olhos,  
tu terás outras mãos que afaguem as tuas mãos,  
tu terás outra boca que beije a tua boca".

Depois de "Caminhos" Aluizio Medeiros, tendo sido convidado para colaborar no livro "In Memoriam de Haroldo Torres", livro que, organizado por Sinó Pinheiro, também falecido e que como Haroldo Torres mereceu um "In Memoriam", representa uma homenagem dos seus amigos à sua inteligência e ao seu coração, escreveu o poema "O que eu maldigo" (fevereiro de 1938), um belo e comovente poema em que, mais uma vez, põe à prova a sua capacidade de dizer as coisas... poeticamente. Os poemas que vieram depois, "Poema, Caminhos (n.º 2), Poema e Desejo" são todos mais ou menos equilibrados. (Na verdade são totalmente bons e a palavra "equilibrados" eu emprego aqui referindo-me ao equilíbrio que guardam ou que devem guardar entre si e a uma certa fidelidade também, pois, no caso de Aluizio Medeiros, mais do que em qualquer outro poeta cearense, pode-se falar vantajosamente em unidade de estilo e de substância: um poema dêle é, sempre, uma continuação ou uma parafrase de outro, ou do outro imediatamente anterior). Nêles, como nos subsequentes, o poeta que fez "Fortaleza" e "Sinfonia", já agora totalmente liberto de todo descritivismo, usa, não raras vezes, a linguagem dos profetas e dos iluminados (e nós sabemos que muitas vezes ela se confunde com a dos poetas, como é o caso, por exemplo, de Rabindranath Tagore), para, aqui e ali, maldizer as suas próprias dores e inquietações, ou pedir para elas, ao Senhor seu Deus, o consólo ou a compensação necessária, como no exemplo a seguir, em que Aluizio Medeiros usa uma linguagem que já se lhe vai tornando característica:

"Sinto um torpor  
sinto um cansaço  
sinto um aniquilamento  
sinto um asco estúpido do meu corpo todo".

("Desejo", abril de 1938). Já aqui, e me referindo não apenas ao conteúdo ou seja à essência dos poemas de Aluizio Medeiros, mas também à forma em que são os mesmos versados, forma típica de um certo discricionarismo (1) dominante hoje na literatura e, mais particularmente, na poesia, quero fazer observar que Aluizio Medeiros, não tendo "vivido" a chamada fase modernista da nossa literatura, mas sim a que se lhe seguiu e cuja denominação de "post-modernista" (à falta de outra, talvez) ganhou foros de cidadania, e um poeta bem do nosso tempo, que ele "vive" intensamente, interessando-se, como se interessa, por todos os aspectos que o mundo moderno pode-nos oferecer, apresentando-se ora como um mundo eivado de ciência e de falsa ciência ora como um mundo em que domina também a poesia, no melhor sentido e também no pior sentido, e ainda as preocupações religiosas, filosóficas, políticas e... guerreiras. Aluizio Medeiros sente tudo isso, o que é um bem, e, si se refere nos seus poemas à máquina, e a tudo mais que dela pode advir, é também a flores que ele se refere, quando, por exemplo, dis-cortinando alguma coisa de novo e de melhor que esta por vir, exclama, num tom evidentemente de... profecia:

"Um galo de bronze em cima de um cubo vermelho  
anuncia o arco-iris que envolve o mundo  
e onde brotam bilhões de girassóis".

Ainda nesse poema ("Alegria", junho de 1940), poema por sinal de interpretação difícil mas não impossível, ele fala na Estátua da Liberdade, em monumentos partidos, em túmulos (erguidos) e nas "muralhas do século", que tremem nas suas bases, segundo o poeta, para, um pouco adiante, pondo em confusão outros elementos, evidentemente heterogêneos, assegurar-nos que:

"Os ditadores enfurecidos serão tragados  
pelas gigantescas corolas das plantas carnívoras  
e os homens juntamente com os saxofones  
serão precipitados nos abismos".

(Continua na pg. 22)

# OS RIOS NA HISTÓRIA COLONIAL

## DALMO BELFORT DE MATTOS

(Especial para RENOVAÇÃO)

O estudo da história do Brasil-Colônia tem sido feito obedecendo a critérios mais diversos. Foi, a princípio, a narração cronológica e burocrática, de Macêdo, de Porto Seguro, de Pizarro de Araujo. Listas de governadores alternavam com róis de capitães-móres ou de vice-reis.

Foi, a seguir, a história romanceada dos enredos a Paulo Setubal. A guerra holandesa, a Inconfidência, o Sete de Setembro surgiram como aquarelas impressionantes. Pinceladas grossas e imprecisas, como borrões espalhados pela espátula de um pintor de vanguarda.

Depois, foi a história sociológica de Oliveira Viana, de Paulo Prado e Capistrano de Abreu. A antropogeografia forneceu-lhe subsídios. E, como esse fato constituía inovação, levaram-no ao exagero. A história passou a constituir, precipuamente, o relato de caminhos e roteiros, o estudo de estradas e vias fluviais.

E, de tal modo se excederam os inovadores, que Capistrano chegou a afirmar algures

“que as bandeiras devem classificar-se, não pelo ponto de onde partiram, mas pelos rios que margearam, ou navegaram” (Descobrimento do Brasil, pág. 106).

Apareceram, então, longas monografias sobre o caminho líquido das penetrações. E identificou-se o São Francisco, como o rio integralizador; o Tieté — agente de desbravamento da bacia platina; o Amazonas — rota norteadora que levou Pedro Teixeira, do Gurupá às terras do Perú.

Paracatú seria o principal fator de colonização goiana. Se o Anhembi coresse diretamente para o mar, não se teria verificado o “rush” das bandeiras vicentinas. E a América Portuguesa continuaria comprimida pelo Meridiano de Torresilhas, a vedar-lhe a expansão para o “hinterland”.

Os pantanais de Mato Grosso teriam causado, segundo Rocha Pombo, a paralisação da avançada castelhana, que se desenvolvia rio-acima, visando o domínio completo da bacia do Prata.

Poderíamos enumerar as citações. Algumas bastam. São dos maiores pesquisadores.

Capistrano afirma que os sertanistas tiveram sempre as montanhas por balisa e os rios como roteiros. Urbino Viana, ao estudar a penetração baiana, dá maior papel às águas franciscanas que ao “calção de couro” empreendedor. Paulo Prado quer estudar a evolução paulista, em função nos caminhos que ligavam Piratininga aos portos de mar.

Tais dissertações possuem enorme interesse. Focalizam fatores de grande influência. Mas, são onilaterais; não correspondem à realidade histórica, porque:

1.º) Reduzem ao mínimo, o fator humano, subordinando-o diretamente ao meio;

2.º) Não explicam a discordância entre as “áreas geográficas complexas” e as regiões correspondentes aos focos de expansão.

Admiti-las seria restringir o âmbito do nordestino, cuja atividade não iria além das caatingas e caatandivas. Ao gaúcho, bastaria o relvado do pampa. O paulista iria colonizar apenas o altiplano de Piratininga.

O contrário se verifica, porém. Bandeiras paulistas galgam o “divortium aquarum” da Mantiqueira, atingem os “gerais” de S. Francisco, e, pelo Sertão das Rodelas, cortam a Serra das Vertentes, alcançam o Gurgueia, as “ribeiras” do Jaguaribe, e o “agreste” do Assú.

Rumo ao sul, abandonam o planalto, cruzam a Serra do Tubarão, para fundar Lagunas, no litoral catarinense, e Santo Antonio da Guarda Velha, (hoje, Santo Antonio da Patrulha), nos areiais praianos sul-riograndenses.

O mesmo fenômeno — em escala menor, é claro, — patenteia-se, ao estudarmos outros focos de colonização.

Adorno, partindo de Porto Seguro, deixa o vale do Jequetinhonha, e busca o Rio Doce, através de serras alcantiladas. O Moribéca peregrino pela Chapada, em lugar de deter-se junto às nascentes do Paraguassú. Bento Maciel Parente destrói malocas de tupinambás, quer a bacia do Amazonas, quer na dos rios, que fluem para o Gurupí.

Nem se diga que o caminho fluvial é o preferido pelos sertanistas e bandeirantes. Isso apenas se verifica num episódio: — o ciclo das monções do Cuiabá. No mais, o desbravador é caminheiro.

Seguem por terra, os descobridores paulistas de Guaruapuava os destruidores do Guairá e do “Tape”, os arrazadores de Xerez.

Por terra, ainda, Cristovam de Moura vai de São Paulo à Colônia do Sacramento. Por terra, Raposo Tavares, atravessa os sertões do Paranapanema, os plainos do Paraguai, os serros do Potosi, a Cordilheira Andina. Para, depois de atingir o Pacífico, cortar o Alto Perú (Bolívia atual), as selvas da Montana, e surgir, ao fim de 14 anos de caminhada, junto ao casario do Pará...

Por terra, enfim, avançam os Anhangúas pelo sertão goiano. Pedroso de Barros jornada através do Reino dos Chiquitos, e, por terra, a Coluna do Barbalho calcurreia a zona sáfara do sertão Nordeste, desde a Ponta dos Touros à Cidade do Salvador...

\*\*\*

Quer-nos parecer, à vista, do exposto, que o fator humano superou os elementos mesológicos, no devassamento do “hinterland”. Subordiná-lo às vias fluviais, seria falsear a história, e amesquinhar as figuras marcantes da epopéia colonial.

# ECOS DO 2.º ANIVERSARIO DE RENOVAÇÃO

## COUSAS DA CIDADE

### O 2.º ANIVERSARIO DE "RENOVAÇÃO"

A revista *Renovação*, de que o pintor Vicente do Rego Monteiro é o principal animador intelectual e artístico, está celebrando o seu segundo aniversário, com um numero comemorativo que merece um registro simpático. Esse esforço que vem fazendo no Recife, desperta tanto mais a nossa simpatia e o nosso bom acolhimento, quanto é puramente desinteressado.

A única cousa que visa é animar o pensamento jovem, em Pernambuco, despertar o interesse pela arte e pela literatura, recolhendo os valores novos, muitos dos quais ainda não têm a firma registrada nos cartórios dos criticos "à la page", mas que acabarão forçando todas as portas.

Destaco, sobretudo, neste numero de aniversario de *Renovação*, os desenhos da capa, que são de uma intensa poesia, não somente pelo desenho, mas pelo colorido.

Os clichês, feitos a mão por Vicente, não têm o menor traço mecanico, o que lhes destaca o valor. Seria injustiça não fazer uma referencia especial aos textos, e a verdade é que *Renovação* está realizando aqui um grande trabalho em favor da poesia pura.

Sou dos que pensam que a vida não pode ser regulada inteiramente pelos poetas; mas ai do mundo si não fossem eles!

Por isso lhes devemos ser gratos; e ajudá-los para que se entreguem livremente aos seus devaneios e aos seus sonhos. — Z.

("Diario de Pernambuco" — 16 de Setembro, 1941)

## O MINUTO DA CIDADE E DO PORTO DO RECIFE

(Comunicado da Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo, ao Rádio Clube de Pernambuco e à imprensa da capital)

### UMA PUBLICAÇÃO

O Recife possui uma revista que honraria, pelo seu aspecto de notavel bom gosto, qualquer grande capital que a editasse. E honraria, como honra o Recife, não pelo luxo, pelo material rico, pelos requintes de composição gráfica com que fosse feita, mas pelo inteligente aproveitamento de certas técnicas simples, pelo emprego de material barato habilmente movimentado.

Foram justamente as dificuldades criadas pela guerra que provocaram em "Renovação" o novo aspecto com que se apresentou há pouco, comemorando o seu segundo aniversário. Papel inferior, nem uma zincografia ou fotogravura, cores as mais ingenuas. Mas como todos esses elementos que mãos comuns repugnariam para criar qualquer coisa de apresentável o senhor Vicente do Rego Monteiro dá ao Recife uma revista que não ficaria mal nos centros artisticos de Paris ou Londres.

Com tudo isso lucra o Recife. Sem falar no veiculo que tem sido "Renovação" para inumeros jovens intellectuais para os poetas sobretudo, deve-se lembrar a sua importancia na formação do bom gosto popular, pois se trata de uma revista destinada principalmente à circulação nos meios operários.

"Renovação" tem apresentado meses últimos números "bois" de Vicente, em preto-e-branco e em deliciosas cores pernambucanas; cores que são uma satisfação para aqueles que sentem a força da poesia dos nossos tons. "Renovação" é uma aventura poetica e artistica que o Recife precisa de prestigiar e animar.

("Folha da Manhã" — 22 Novembro, 1941).

## O PRISIONEIRO

Góis de Andrade

A alma do prisioneiro não coube no espaço da cela.

Os olhos estúpidos dos companheiros  
estamparam o horror da sua fisionomia  
e o espírito do prisioneiro  
subiu como um foguete num sonho de liberdade.

Passou pelas grades, e os soldados não viram.

Os pés se molharam no orvalho dos campos  
ou se cobriram de lama  
para não pisar uma flor que se erguia  
tão livre e bela  
na beira do caminho...

As mãos despedaçaram arapucas  
e os olhos do prisioneiro acompanharam  
o vôo dos pássaros libertos.

— Onde está a casa do prisioneiro?  
a amada do prisioneiro?  
o filho do prisioneiro?

— Não sei, não, Senhor.

O espírito do prisioneiro recuou de espanto,  
passou pelas grades, os soldados não viram.  
As mãos se crispam.  
As pálpebras abraçaram os despojos liquidos  
de uma esperança desfeita.  
Depois, se abriram francas, escancadas.

Para que fôsem livres as lágrimas,  
mensagem de dôr de um condenado...

## ELEGIA

Lêdo Ivo

Atravessarei teu sexo como uma ária suavíssima  
eu te atravessarei como se fôra a música distante  
que repousa em teus lábios e em tuas mãos  
morrerei contigo oh paisagem de eternidade dentro da  
[noite

estarei contigo quando renasceres fora do século  
dormirei em teu sono transformado em perfume  
serei o ré-bemol da sinfonia que te despertará  
eu te darei meu corpo para o amor e meu espírito pa-  
[ra a perpetuação da poesia

me insularei em ti por todos os tempos  
dormirei contigo e me amarás  
pois fizeste com que eu descobrisse a beleza  
essa beleza invisível como os anjos  
lembro que te revelaste em pianíssimo quando acordei  
os mares guardavam ruídos de tua presença e homens  
[ansiavam por teu sexo

madrugadas nasciam como flores entre tuas mãos  
depois te transmudaste em furioso  
o espírito passageiro do mundo caiu perdido de amor  
[diante de ti

anjos se perderam no trânsito das cidades grandiosas  
e diante de mim ficou a rosa vermelha que lembrava  
[a Primavera

ficaram teus seix e teu sexo que lembravam o mundo  
e teu corpo veio caminhando eternamente sugerindo o  
[fim do mundo.

## DESERTO

Nada.

Nem uma promessa de amor, sequer.

Parece que estou adormecido dentro da vida

Parece que estou sosinho, abandonado

Porque não sinto na cadência das horas que passam

A carícia leve de um beijo de mulher.

Nada.

Nem uma promessa de amor, sequer.

Mario Souto Mayer

## O HOMEM VITIMA

Eu só percebo de um lado,  
Um doido me fez assim,  
Respiro flores, almoço música.

Uma mão me domina, me alimenta, me ameaça...  
Vivo triste porque sei tudo o que se passa  
no silêncio.

Aqui e no outro mundo eu faço coisas.  
O meu corpo é de criança,  
é morto, não tem desejos.  
Somente a cabeça é quem manda...  
— Irmãos... (Eu sou vosso irmão?)

Benedito Coutinho

## PSALMO

Esconde-me tu ó Senhor  
pois em vão eu me esconderia  
nos montes inacessíveis  
ou com as ostras no fundo do mar  
ou com as rosas que jamais serão vistas

Esconde-me tu ó Senhor  
pois em vão eu me esconderia  
na porta das grandes águas  
nas ilhas ou nos desertos  
no mar ou na lama que dorme  
nos mangues do Cumarú

Esconde-me tu ó Senhor  
pois em vão eu me esconderia  
sob a sombra dos que morrem  
sob as perdidas latitudes  
ou sob as azas daqueles passaros  
que estão sempre além do horizonte

Esconde-me tu ó Senhor  
pois em vão eu me esconderia

Laercio Coutinho de Barros

# A S A S P A R A O B R A S I L

TRECHO DA ORAÇÃO DO PARANINHO DR. SOUZA MELO, DIRETOR DA CARTEIRA AGRÍCOLA DO BANCO DO BRASIL, POR OCASIÃO DO BATISMO DO AVIÃO "GUARARAPES", DOADO AO AERÓCLUBE DE JAU, PELO INDUSTRIAL JOSÉ PESSOA DE QUEIROZ

"Terra em que não há lugar para ódio, terra onde tudo se conchama em uníssono para afirmar que o nosso povo obedece e segue os ensinamentos do Divino Mestre.

Ao mesmo tempo em que se punham vigilantes e prontos para defender a integridade territorial, os nossos maiores cuidavam da parte econômica, cultivando a terra, dedicando-se à criação do gado, explorando as essências vegetais e as riquezas minerais.

A colonização conquistava os sertões, fixando as famílias e transformando a terra virgem em fontes de riquezas.

A civilização avança.

Entre as primeiras atividades rurais houve uma que a todas excedeu muito: a cultura da cana e o fabrico do açúcar.

Em prazo curto os engenhos surgiam e com eles o esplendor de uma época que se fazia pelo tempo afora.

Esse fato que teve grande repercussão na economia brasileira, influiu decisivamente na formação do meio social que teria, também uma parcela de enorme relevo nas lutas pela nossa independência.

Os engenhos transformaram-se em baluartes, e os seus senhores em chefes aguerridos; a resistência pôde ser organizada, a subsistência assegurada, mantidos os núcleos formadores das reservas até que, uma vez coordenadas, a ação pudesse se desenvolver com êxito.

Vê-se, assim, o íntimo entrelaçamento existente entre as forças vivas de uma nação, mercê do qual resulta um progresso, a riqueza, a expansão e o respeito.

E, também, resulta o ensinamento de que sem economia organizada e forte, precárias serão as condições para a defesa e a segurança nacionais.

José Pessoa de Queiroz, espírito seduzido pela evolução e o progresso fixou o círculo das suas iniciativas e de arrôjo na maravilhosa e por todos os títulos respeitada zona histórica do município de Água Preta, Estado de Pernambuco lindeiro do de Porto Calvo, Estado de Alagoas.

O antigo engenho Santa Teresa, mais tarde denominado Usina São Luiz, foi o ponto escolhido para erguer um conjunto agro-industrial aperfeiçoado.

Ao lado da usina de açúcar e da destilaria de álcool anidro, empunhou-se em fazer obras de irrigação de grande vulto e extraordinária utilidade; cuidou de melhorar o transporte, servindo concomitantemente à coletividade e aos interesses nacionais; ao trabalhador, seu auxiliar direto e imprescindível para o êxito de seus empreendimentos, cercou de conforto, dando-lhe moradia higiênica, escola e assistência médico-social completa, extensiva a todos os membros de sua família; procurou, enfim, aplicar os ensinamentos de agronomia para obter o mais alto rendimento possível na cultura da terra.

Cooperava dessa forma com a ação construtora e elevada dos governos federal, e estadual, objetivando estabelecer um ambiente sadio para o trabalho comum. Transformou, enfim, o conjunto primoroso em uma verdadeira cidade sob a égide da meiga e poderosa Santa Terezinha.

Pleno centro de uma região que, a cada passo, em cada monte ou colina, em cada curso d'água e em cada ruína, recorda vivamente uma das épocas mais heróicas e brilhantes da nossa história, Santa Terezinha está próxima de Nossa Senhora das Vitórias, que se situa na humilde porém belíssima capela votiva do alto dos Guararapes.

Essa região foi percorrida em todos os sentidos, fremiu de indignação, palpitou de desespero e, afinal, se engalanou para acolher os bravos que acudiam, para, num esbraceço e, sobretudo, da fé, do que pela força das armas, tornar o solo pátrio definitivamente livre.

E no dizer de Rocha Pombo, tal esforço teve essa alta significação: Salvou toda a obra, antes de tudo de integridade latina, que o português aqui iniciara e tinha encaminhado com uma coragem que não foi excedida em ponto algum da América e com uma consciência da sua missão, e uma sinceridade de intuítos que não tem exemplo no resto do continente.

Pelas colinas que ondeiam Santa Terezinha até Guararapes, páginas fortes, páginas admiráveis foram escritas pelos nossos antepassados, com o seu sangue, com a sua vida.

No simbolismo do batismo deste avião eu sinto a beleza e o brilho da nossa história, brilho que cada vez mais reflete à medida que o tempo se distancia.

E sinto como todos sentem, que em torno do grande presidente Getúlio Vargas a comunidade brasileira está reunida como no passado pronta a tudo fazer pelo Brasil.

Repetindo-se a frase de S. Excia.: "A cooperação ativa de todos os brasileiros se acha assegurada e havemos de transmitir às gerações vindouras intacto e acrescido o patrimônio herdado dos nossos maiores, porque um Brasil mais forte, mais próspero, mais poderoso é o objetivo da nossa vontade e a própria razão de ser da nossa existência.

Essa doação provem de uma gleba privilegiada e vai para São Paulo, para a terra irmã que teve a felicidade de ser o centro irradiador das bandeiras. Dupla circunstância esse ato num abraço no tempo e no espaço.

É que o seu destino é Jau, a cidade de tradição magnífica na vida do Estado de São Paulo e que demora à margem direita do rio das bandeiras, o Tietê famoso.

Nas corredeiras da Barra Bonita como nas de Bica de Pedra e, mais além nas de Bariri, aí certamente as intrépidas bandeiras bivacaram para fazer passar as embarcações.

E Jau é também centro de uma das maiores zonas produtoras de café, produto que, como o açúcar tem marcada predominância na economia nacional.

Café e açúcar se completam.

O abraço tem uma significação: é o de que, como ontem, como hoje, como sempre a unidade nacional é indivisível.

E quando os jovens pilotos sobrevoarem o rio lendário, não de ouvir que, ao seu lado, no avião, ressoam em surdina, as mesmas fanfarras da vitória dos Guararapes. E não de sentir na visão ampla do horizonte o eco do passo pesado e forte dos brasileiros, o clangor de suas trombetas e a inúbia dos selvagens.

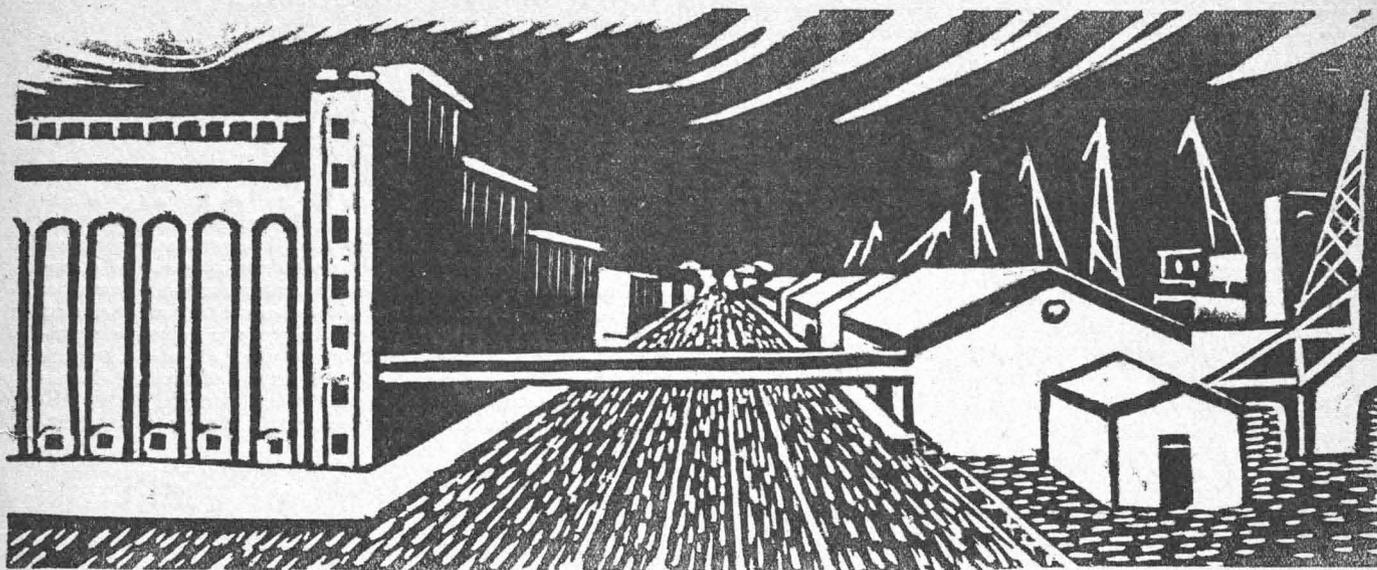
As bandeiras de São Paulo e os bravos do Nordeste!

E não de se sentir fortalecidos na sua fé, inabaláveis no desejo de bem servir a Pátria comum, resolvidos se necessário a fazer por ela o sacrifício da própria vida.

São os meus votos que este avião tenha a felicidade de formar pilotos que não sejam utilizados no aniquilamento de suas vidas na distribuição das riquezas construídas e armazenadas a custa de inomináveis sacrifícios.

Que sejam pilotos veiculando o bem estar; pilotos de aviões que transportem passageiros e cargas; que levem aos mais recônditos sertões de nossa terra missões educativas, missões de socorro espiritual e moral de paz.

No entanto, se a fatalidade houver determinado o contrário, em desejo que esses mesmos pilotos, como as águias pairando no azul do céu, em vigília constante, descem em bando, como enxames de cassungas e com a rapidez do colibri, a defender o patrimônio que devemos transmitir intacto aos nossos filhos".



## GRANDES MOINHOS DO BRASIL S. A.

Assim como as culturas agrícolas racionalizadas transformam a paisagem rural dando-lhes um cunho de disciplina, e levam ao interior do país o progresso, melhorando destarte as condições de vida do trabalhador. As grandes indústrias no perímetro urbano transformam o aspecto das cidades, dando-lhes sabor moderno pelas linhas sobrias, não despidas de certa beleza, e melhoram o ambiente de trabalho do operariado local.

Assim é que o "MOINHO RECIFE" instalado nas proximidades do Porto do Recife esposou admiravelmente essa paisagem dinâmica de armazéns de recolher e de guindastes. Modificando não sómente o aspecto exterior da paisagem como pelas suas linhas grandiosas, como na interior pelas suas iniciativas de solidariedade humana e social.

Iniciando o seu funcionamento em 1920, conseguiu desde logo o "MOINHO DO RECIFE", firmar um elevado conceito nos mercados de toda a sua zona de atuação, ou seja em todo o norte do país, e hoje a sua produção diária de 3.500 sacos de farinhas e 1.500 de férollo, é disputadíssima nos meios consumidores.

Nos seus 24 silos, tem capacidade para armazenar 9.000 toneladas de matéria prima, que é descarregada dos vapores por processo mecânico, passando por uma ponte que liga o edifício ao cais e que é servida de esteira transportadora; essa esteira também se presta para o embarque da mercadoria fabricada pelo Moinho.

Ha no edifício uma perfeita instalação de "sprinklers" do sistema "Grinell", contra incêndios, que, ao contato da mão do homem, ou automaticamente, desde que a temperatura se eleve a 60 graus centígrados, funciona em todas as secções.

Os seus maquinismos, dos mais modernos e eficientes, são ainda constantemente renovados com a adaptação do que de melhor a técnica da moagem na sua constante evolução produz.

Reunindo um grande número de funcionários e operários o "MOINHO RECIFE" sempre lhes dispensou bôa assistência social, destacando-se um refeitório, seguro contra acidentes, auxílio pecuniário em período de doença, e, ultimamente, uma aprasível Vila com 66 bungalows que lhes são alugados modicamente.

Essa vila que o "Moinho" fez construir para o seu pessoal, representa uma patente demonstração de solidariedade á Campanha Contra o Mocambo, ardorosamente sustentada pelo atual Interventor Federal no Estado, Dr. Agamenon Magalhães.

Construída no centro da cidade, em bairro dos mais progressistas, a "Vila Moinho Recife" oferece um lindo aspéto, com as suas casinhas modernas e ajardinadas.

Integrando-se assim, na obra de engrandecimento da indústria nacional e cooperando para o alevantamento do nível de vida do homem brasileiro, firma-se o "MOINHO RECIFE" como verdadeira organização de trabalho em nossa Terra.

Fator de progresso e de felicidade social, essa Empreza ufana aos pernambucanos pela imponencia das suas instalações e pelo alto prestígio do seu nome.

Eis aqui num rápido resumo o que é o "MOINHO DO RECIFE", cujos produtos encontram por toda parte uma aceitação cada vez maior, mercê dos metodos escrupulosos de sua fabricação e da sua qualidade uniformemente superior.

## Armazem do Cabôclo

Casa fundada em 1841

Importadores, Exportadores e Retalhistas de Ferragens

Cutelarias, artigos para agricultura, industria e uso domestico. Armas de caça, finas, oleos, pincéis, vernizes etc. O maior deposito de ferro, cobre, chumbo e outros metais.

**ALVARES DE CARVALHO & CIA. LTDA.**

RUA DUQUE DE CAXIAS, 240 e 350

Caixa Postal 165

Fone, 6225

Recife - Pernambuco

## Banco Francês e Italiano para America do Sul e Brasil

São Paulo, Rio de Janeiro, Baía, Curitiba, Porto Alegre, Recife e Santos.

20 Agencias no interior dos Estados de São Paulo, Paraná Rio Grande do Sul e Minas Geraes.

Succursais na ARGENTINA, CHILE, COLOMBIA, URUGUAY  
RECIFE

Avenida Rio Branco, 104 — Caixa Postal, 125

Telefone: 9056 - 9102 - 9171

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO

Sede Social: PARIS

Sede Administrativa: MARSELHA

## MANOEL PEDRO DA CUNHA & Cia

Exportadores de Café, Algodão,

Mamona etc.

Rua de São João, 531 (Sobrado)

RECIFE

PERNAMBUCO

Antônio Girão Barroso

o que patenteia o seu aprêço pelos homens, sim, e também pelos saxofones...

Como vemos, Aluizio Medeiros é um poeta, como eu disse acima, do seu tempo, e o é, repito, tanto pelo conteúdo dos seus poemas como pela sua forma (no sentido vulgar), escrevendo como escreve numa linguagem nova e por isso mesmo livre, e que só é confusa, como pode parecer a muitos, aparentemente, pois permanece lógica, a-pesar-de tudo, a-pesar-dos símbolos usados, seu tanto ou quanto difíceis de apurar, é verdade, mas que não chegam a constituir uma novidade, pois de símbolos, e às vezes dos mais indecifráveis, sempre se usou em poesia, desde os tempos clássicos até os dias atuais. E é esse um dos aspectos mais interessantes que Aluizio Medeiros entremostra na sua poesia livre, repito, ou liberada, como talvez seja preferível dizer.

Num pequeno poema, "Canto da vida", escrito em setembro de 1938, Aluizio Medeiros orienta-nos a respeito de sua vida, confiando-nos que:

"É erma  
é triste  
é longa  
a praia da existência.  
Fustigado pela vida  
perdido  
sem rota  
estou  
na praia da existência".

Mas, dizemos nós, deve haver uma compensação para tudo isso, e essa compensação nós vamos encontrar na poesia que esta sendo capaz de dar. Na poesia de uma "Invocação" e de um "O poeta não pôde" (outubro e dezembro de 1938), tão rica de sugestões e em que Aluizio Medeiros, mais uma vez, pondo em relevo os seus sentimentos em relação ao mundo, ao "vasto mundo" de que nos fala, num tom tão sarcástico, Carlos Drummond de Andrade, e falando como "o poeta", deixa clara a vocação de "guia" deste, mas de um "guia" que se sente afinal incapaz, tamanha é a confusão reinante, de "apontar o caminho luminoso a seguir".

Se o ano de 1938 saiu para Aluizio Medeiros um dos mais produtivos (pois ele escreveu nesse ano nove poemas!), o de 1939 deu-lhe apenas três poemas. Mas, mesmo assim, nesse ano, ele escreveu mais poemas do que em 1937 e 1936, quando o seu "caderno" registra apenas dois e um, respectivamente. Em 1940 Aluizio Medeiros escreveu cinco poemas e em 1941, até agora, apenas dois. Por aí se vê que o autor daquele inaugural "Fortaleza", que nos prometia, talvez, dada a "facilidade" do tema explorado, dezenas, centenas de poemas (ou de falsos poemas, como há tantos por aí), salu-nos um poeta de pouquíssimos poemas.. bons. Os três poemas de 1939 datam de maio, junho e dezembro. O que estaria fazendo o poeta nos intervalos desses poemas? Com toda certeza, ou "vivendo" a poesia ou acumulando "experiências", que ele poderia aproveitar depois em poemas como "Alegoria, Segunda pergunta lançada na noite (publicado n' "O Cruzeiro" com o título de "Perguntas à noite"), Momento integral. Equação poética e O grande sinal", os primeiros de 1940 e o último de 1941. São todos esses, e mais os de 1939, "Canto do século, Balada da minha partida e Poema à mulher máquina", grandes e graves poemas e que só poderiam ser feitos por um verdadeiro poeta e que vivesse também, como é o caso de Aluizio Medeiros, os dramas, as angústias e as inquietações de uma geração como a atual, que sentem digamos mais uma vez como José Auto, o "desabar das abóbadas"... Isso justifica a sua mensagem poética, perfeitamente, e salva-o de todo "museísmo"... Aluizio Medeiros é um poeta vivo.

Creio que foi em maio de 1940 (o poema que lembra o fato data, pelo menos, dessa época) e, reunidos na terrasse do Excelsior Hotel, encontravamos-nos, eu, Aluizio Medeiros, José Milton Dias, Otacilio Colares, Raimundo Ivan de Oliveira, José Perales Aires, Stélio Lopes de Mendonça e Paulo Botelho. Bebíamos cerveja — como no poema de Carlos Drummond de Andrade — e, se não olhávamos o mar (mesmo porque era de noite), olhávamos a cidade, de vez em quando, lá em baixo, iluminada. Conversávamos e ríamos. Principalmente ríamos — das histórias de Paulo Botelho. No meio de todos, porém,

havia "um" menos despreocupado e que, como sempre, falava menos talvez para pensar mais... Deu-nos a ler, alguns dias depois, este poema, que eu só pude chamar até hoje de terrível:

#### "PERGUNTA LANÇADA NA NOITE"

Aqui neste terraço inabalável  
onde os meus amigos bebem cerveja  
e o vento leve nos açoita as faces  
eu me debruço no parapeito  
(ó a fascinação misteriosa dos abismos)  
e contemplo a cidade embuçada na noite.  
Lá em baixo o movimento dos homens  
das ruas das luzes  
o ruído da vida, — não ouvem? —  
que chega até nós tão diluído.  
Na distância o navio de aço iluminado  
e o grito isocrono de luz do farol  
como uma certeza.  
Ai! que será de mim  
que será de nós, amigos?"

E foi o poeta Aluizio Medeiros, que há quatro anos faz, milagrosamente poesia no Ceará.

Fortaleza, Maio de 1941.

(1) — A expressão acima foi usada, pela primeira vez, ao que eu saiba, no sentido em que eu a emprego, pelo escritor português MARENHOVAÇÃO. — Sindulfo.

## A NOITE NO ENGENHO

Ademar Vidal

(Conclusão)

boleta, Açucena, Maravilha, Mimosa, Bonina. O senhor de calças arregaçadas e a andar por todos os lugares numa fiscalização incansável. Na casa grande a família se balançando nas cadeiras, comendo pipoca, gente sentada no chão, todos numa conversa sem termo. E "Japungú" se vendo à distância com uma grande mancha escura na paisagem do luar de outubro. Distingui-se a luz das lâmpadas encarnadas e inquietas com a brisa da noite soprando um perfume que vinha da mata próxima. De vez em quando, e para quebrar o ritmo do ambiente, o vozeirão do senhor dando ordens, se fazendo ouvir com autoridade, um chicote na mão e um cachimbo de cereja seguro entre os dedos. Tinha seus tratos. Gostava do que era bom e a família não conhecia miséria, tudo de barriga cheia, passando bem, viajando e se educando. O açúcar dava para sustentar a situação com certa lordeza.

As ruínas lá se acham agora. "Japungú" é mal-assombrado. Mas não faz receio a ninguém. Nada adianta no sentido do mal, não se praticando senão o bem. Nem se conhece morador que tenha sofrido uma pena. Surra nunca se deu. Dinheiro jamais se tomou do pobre nem se tirou de casa filha dos outros para não se casar. Vive-se uma vida regular nos seus ritmos simpáticos. Mas é mal-assombrado "Japungú". Aquelas ruínas escondem os segredos de um passado que parou de súbito e que continua a viver na lembrança de uma enorme população miserável. Que se cobre de trapos e que trabalha incessantemente. Ela conta

## BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO

Avenida Rio Branco N. 155 — Recife

Endereço Telegrafico: CASAFORTE — CAIXA POSTAL 444

Telefones: GERÊNCIA: 9024-9058 — GERAL: 9085

Faz todas as operações do ramo bancário, oferecendo as melhores taxas do mercado. Aceita depósitos em:

CONTAS CORRENTES DE MOVIMENTO — CONTAS CORRENTES LIMITADAS

Depósitos Populares:

(C/Especial de Pecúlio, juros de 6% limite 5:000\$000)

Depósitos a prazo fixo e pre-aviso, taxas especiais. Serviço eficiente de administração de bens;

Cobrança de alugueis, Juros de Apólices, etc.

Ordena pagamentos por via telegráfica, via aérea ou marítimas. Emite cheques sobre todas as praças do País

Gerente: Jayme Ferreira dos Santos

## GAZOSAS FRATELLI VITA

GUARANA'  
AGUA TONICA  
LIMÃO-MAÇÁ

Não se deixem iludir!...

GAZOSAS?...  
SÓ DE FRATELLI VITA

o que se passa no engenho que só agora tem algumas pedras disformes e alguns paredões. Não perde o espetáculo que se apresenta por ocasião das "botadas". Então quando faz luar ainda é melhor porque não há necessidade de aproximar-se muito para distinguir o movimento. A visão se regala diante do quadro que as ruínas transformaram. Chega a ser uma distração agradável para as pessoas pacientes que gostam de esperar. Até os nomes dos fantasmas trabalhadores se conhecem bem: Antão, Mirinha, Mucuí, Sapo, Zé Bahú. Os negros com os lombos reluzentes e molhados de suor. O carro de boi cantando na madrugada. Um barulho que vem de dentro do engenho e que anima aos corações simples. "Japungú" continua a viver.

AÇUCAR REFINADO

“CATENDE”

Prefiram esta marca e serão bem servidos



EMPAOTAMENTO

Rua do Apólo, 107 - Terreo.

Fone 9596

RECIFE

USINA  
ARIPIBU' S/A

Produção : 80.000  
sacos de açúcar

MUNICIPIO DE  
RIBEIRÃO  
PERNAMBUCO  
BRASIL

C I C E R O D O R M E

(Conclusão)

gado a se ausentar por uma semana o Snr. Marcilio Caldas ficou entregue a um abandono desesperador. Sentia-se triste e só. Desambientado em suma. A não ser o dialogo que mantinha com a dona da casa, até a hora de dormir, para mais ninguem abria a boca. Licença quando se sentava à mesa, licença quando saía. E essa única palavra pronunciada de revés, sem alvo a atingir. Mais tarde, ele pediu para que o separassem. Ficou então numa pequena mesinha ao lado. Isso provocou uma espécie de despeito entre os hóspedes, até que um deles, um escoteiro de dezoito anos, achou de extrair-lhe algumas indignações.

Era no tempo de carnaval.

—O senhor não brinca o carnaval não, seu Caldas?

O escoteiro era um rapazola vivo, decidido.

—Não senhor, a minha idade não o permite, dizia gravemente o velho.

—Mas a vida começa aos quarenta... Mexa-se daí e cáia no frêvo!

—Permita-me não responder às suas criancices.

Acrescentava que “não era homem para deboches”. O escoteiro ria satisfeito de vê-lo tremer de indignação. Dizia aos outros que o velhinho em pequeno fora alimentado com papa d’água. Papa d’água não faz crescer ninguém. A alcinha de Papa d’água colou no pái do Conselheiro.

Diante disso a atitude de Cicero era uma atitude de estrangeiro. Mantinha-se dentro de casa com uma expressão de menino criado pela madrastra. Tímido como em pequeno. Sem reclamar nada, sentia-se invisível entre os outros. Torturava-se intimamente em supôr que os colegas xingavam a sua perna defeituosa. Porque nascera assim?

Ele voltava-se para si mesmo, numa atitude de retraimento e sentia-se envolvido pela membrana do ventre materno. A ruga sulcava mais nitidamente a testa nua, e lembrava-lhe o Conselheiro Caldas dizendo que os espíritos máus na existência passada reincarnavam como uma provação. Agora experimentava um mal, cujo ponto de partida jamais conhecêra. E Deus não interviria nisso? “Mon bon Dieu, mon bon Dieu”, repetia um personagem dos seus livros. Cicero, apesar de tudo, recolhia-se como um inferior. Nos piores momentos de sua vida, quando procurou um padre ouviu confuso que seria preciso sofrer. Uns sofrem pelos outros... E que esse sofrimento não fosse tomado como uma maldição mas como uma condição. Voltava para o quarto do terceiro andar abandonando-se pelos livros. Grandes romances onde se debatiam almas iguais a sua. Ai despertava da morte, esquecia Caldas pai e Caldas filho, esquecia o escoteiro vulgar, a dona da casa, o trabalho, os cento e cinquenta mil réis da pensão. E os personagens desfilavam, conversavam com êle. Não humilhou-se, porém, quando Brás Cubas falou na môça que claudicava. Ai, viu-se mirado no mesmo espelho junto a ela. Depois a sua companheira saía das páginas do romance, e, como uma criatura humana vinha dar uma espécie de apoio ao seu sofrimento. Ele sentia dentro do quarto sombrio, entre os livros e os moveis raros e velhos, a presença física de uma mulher. Ele multiplicava as páginas ajudado por uma imaginação gigantesca. Brás Cubas deixava de existir, todos deixavam de existir. A môça então oferecia o braço a Cicero e iam juntos colher frutas na chácara. Os dias tornavam-se belos, cheios de sol e de vida. O amor tinha chegado finalmente. Uma ou outra folha sêca se desprendia e vinha dançando no ar, embalada pela frescura do vento. Ela ria com alegria imensa e claudicava desfarçadamente. Quando se cansavam subiam aos rochedos para contemplar o mar. Um amparado no outro, soltavam as rédeas à vista que se fartava na imensidão verde. Longe um pássaro branco se confundia com uma vela de jangada.

—Como eu te amo, dizia Cicero sem olhar a môça.

—Olha para mim, dizia ela. Juras-me uma coisa?

Cicero afirmava com o olhar.

—Juras que essa felicidade não acabará nunca?

—Como eu te amo, repetia o rapaz.

O mar aprovava espumando nos rochedos, calmamente, numa sinfonia. Cicero notava que a beleza da sua companheira era de uma transparência irreal. O vento ondulava o vestido branco de gase acariciando, acariciando.

Nada perturbava o sonho de Cicero.

No quarto fechado, os móveis caíam numa grande imobilidade. Fazia crer um apartamento abandonado, cujo hospede se ausentar numa longa viagem. As peças rústicas, humildes, perdiam a sua realidade e se encobriam por um véu de tristeza e de ausência. Nem que a morte chegasse nesse momento o surpreenderia.

Deitado, êle tambem permanecia imóvel. No travesseiro alto desenhavam-se nitidamente os cabelos pretos. E seus olhos adquiriam uma imobilidade de estátua. As gigantescas mãos abarcavam o volume como um polvo no espaço. Os longos dedos morenos envolviam o livro, tomando aspecto de tentáculos sobre uma vítima frágil. Realmente aquilo era um alimento. A sua alma torturada se embriagava nas páginas alvas que eram transformadas pela imaginação.

Lá fóra, a dona da casa mantinha com o velho Caldas um diálogo inútil. Palavras que enchiam o tempo, que saíam da pequena sala e se projetavam na rua já silenciosa. Existia por toda a pensão uma espécie de vácuo, um lugar vazio e misterioso que vem com a noite, como indicio do que houvera durante o dia.

As luzes se apagaram sem ruído.

Cícero começava a mergulhar no pôço do sono, tornando-se agora ausente a tudo. Ele via as coisas através de um vidro sobre o qual deslizasse água. As imagens de seu sonho fantastico, e cheio de amor, misturavam-se, confundiam-se, absurdas, informes, turvas. As pernas se extendiam ao longo da cama, uma mais curta do que a outra e o livro entreaberto jazia no soalho. As mãos pesadas, os dedos longos como tentáculos pesavam mortas na densa escuridão do quarto.

f i m.

Recife, 9 setembro 1941.

Gastão Bittencourt de Holanda.

## Instituto do Café em Pernambuco

**Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.**

Financia os cafeicultores do Estado, seus associados a juros baixos e longo prazo.

Promove para seus associados a aquisição de maquinismos para seus serviços agrícolas e melhoria de produção.

Av. Marquês de Olinda, 35 — 1.º andar.

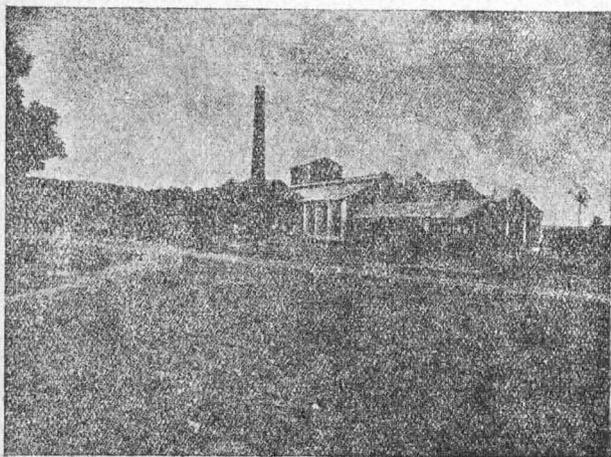
**RECIFE - PERNAMBUCO**

## CASA PRIMOR

Calçados e chapéus dos  
últimos modelos a preços convidativos  
só nas "CASAS PRIMOR"

**Livramento, 21 e 59**

# Usina Nossa Senhora das Maravilhas



Propriedade da Companhia Açucareira  
de Goiana

Produção: 150.000 Sacos de açúcar e  
1.500.000 litros de álcool.

End. Tel.: PERYLO

Goiana - Pernambuco  
Brasil

## AS ESTRELAS E O CÁRCERE

(Primeiro capítulo do romance inédito "A noite é cúmplice")

### (Conclusão)

Também Briolanja, com seus olhos de sêda vegetal, as loiras tranças e a flor de laranjeira nas mãos de cêra, lhe acenara um sorriso puríssimo. A nuvem parecera, então, a Carlos de Sousa, não já um conflito entre o cinzento e o rôxo, mas a própria residência de São Graal. E jurara, então, com os olhos postos na imaginação de Briolanja:

— Só Deus, a Pátria o Rei são meus senhores. A minha vida pertence-lhes...

Depois, em La Lys, quando a fuzilaria alemã lhe trouxe-a aos braços o corpo ensanguentado do seu camarada e amigo de infância Mera, Carlos de Sousa, no primeiro instante de dor, sentira desfalecimento de ânimo. Fôra Briolanja, porém, com a mesma imaterialidade de arcanjo, quem soubera recordar-lhe que o sangue do corpo serve apenas para ser vertido pela pátria. Esse dever era nele, Carlos de Sousa, uma imposição dado que, segundo notícias verificadas nos papéis velhos de sua família, corria nas suas artérias, graças a um amor morgânico, sangue de reis...

## HORACIO SALDANHA & Co.

Importadores de Carvão de Pedra

Serviços marítimos

End. Tele. HORACIO - Caixa Postal 140

Avenida Marquês de Olinda, 143

1.º andar

Telefone 9144 - RECIFE

## PNEUS "BRASIL"

100% NACIONAL

OS MAIS BARATOS CONFORTÁVEIS

Dando maior quilometragem

Garantido por qualquer defeito de fabricação

"SEGURANÇA"

NOVO PNEU "BRASIL"

Construído sobre novos princípios de segurança. Maior Corre mais refrescado, porque seus expulsores de calor patenteados (que não os tem nenhum outro pneu nacional) expellem o ar quente das lonas, causa de ruptura e estouros nos longos percursos NOVA BANDA DE RODAGEM: — Serrilhada, mais reforçada 17,4% e com sulcos mais profundos proporcionando um considerável aumento de quilometragem ante-derrapante  
FAIXA BRANCA: — De ambos os lados

Agentes distribuidores

J. T. de Moura & Cia.  
PERNAMBUCO e PARAIBA

A fita do Tejo apontava já, ao longe, a ponte de D. Luis que ligava a Ribeira de Santarém a Almeirim, a Alpiarça e à infinita lezíria ribatejana. Uma doce comoção o invadiu. Tôda a sua sensibilidade se formara ali, naquelas varzeas férteis, namoradas, e na cidade maravilhosa que lembra os ninhos de águia. A igreja de Santa Clara, a de Marvila, as Portas do Sol, o bairro do Alfange, os silêncios misteriosos do Seminário, de uma de cujas sacadas se diz que D. Pedro, o Cru, presenciou, por amor de Inês de Castro, a execução de dois conselheiros de seu Pai, o sino do Cabaceiro, a evocação de Santa Iria e do Alfageme de Nun'Álvares, a compreensão amantíssima do Santíssimo Milagre numa Óstia do Senhor marejada de sangue, todo o diâmetro de Santarém, com suas *ferras*, esperas de toiros e uma paixão quasi feroz pela história das pedras, as próprias muralhas ainda hoje assombradas da coragem de D. Afonso Henriques e da sua *mesnada*, as águas amargas, as salgadeiras das encostas e o túmulo que êle, numa fantasia bizarra, mandara construir antes da ida para Angola, — eis qual fôra, na verdade, o verdadeiro mundo da sua infância, adolescência e idade adulta.

O comboio silvava agora, quasi entusiasticamente, — como se tivesse percebido a satisfação que se ia apossando de Carlos de Sousa. Seu irmão Gaspar esperava-o, decerto, na *gare*, e até êsse abraço que esperava terno, dedicadíssimo, de uma fraternidade exaltada e conciente, lhe enchia o coração de felicidade.

Carlos de Sousa possuía, de fato, uma sensibilidade aberta, larguíssima, cheia de infinitesimais nuances. Nada o satisfazia tanto como entregar-se totalmente às suas variadas afeições. Sua Mãe, enquanto viva, bem o pudera verificar e, com ela, os seus parentes e amigos. O coração de Carlos de Sousa era cristalino e puro como a sua alma, apesar-dos estilhaços das granadas, as inquietações da sensibilidade e as vozes por vezes misteriosas da carne.

Os seus olhos poisavam já nas casas da Ribeira, nas barcas fluviais que faziam pelo Tejo os fretes para Lisboa, e nos azulejos da estação. O rápido esmorecera a marcha e entrava silvando nas agulhas da paragem. Lá estava o Gaspar, de fato, e imensos amigos a esperá-lo. Um sorriso feliz alargou-lhe a boca num lanho afetuosos — e, por isso, ao descer do rápido e ao ser alvo de todos os abraços e efusivas boas-vindas, Carlos de Sousa sentia-se duplamente lisonjeado e feliz. Santarém recebia-o em festa, grata ao amor intenso que sempre lhe haviam merecido as suas pedras, belezas e tradições. Dava-lhe isso maior prazer que tôdas as honras oficiais — como se aquela terra atijolada, adornada de flores e relvas graças ao Maio festivo que corria, se houvesse corporizado em Briolanja e fôsse ela própria levar-lhe castamente, à estação, um ósculo de noiva...

MANUEL ANSELMO

Porque V. Exa. não personifica sua elegância comprando CALÇADOS na

**CASA REALENGO?**

de BARBOSA DA SILVA

á Rua do Livramento, 105 - Fone 6941  
Recife Pernambuco

# PEQUENO INDICADOR DO COMÉRCIO E DAS INDUSTRIAS DE PERNAMBUCO ANUNCIANTES EM RENOVAÇÃO

## Açúcar refinado

AÇUCAR REFINADO CATENDE — Empacotamento, Rua do Apolo, 107 — Fone, 9596.

AÇUCAR DIAMANTE — Exportadores: Cardoso Aires & Cia. Rua do Brum, 95.

## Agencia Chevrolet

JOSE T. DE MOURA & CIA. — Fundada em 1904 — Av. Rio Branco, 126 — Fone: 9505 — Agencia Chevrolet Distribuidores Pneus e Camaras "Brasil" para automoveis, e agentes da Cia. de Seguros Paulista.

## Agencia Ford

FONSECA, IRMÃOS & CIA. — Casa fundada em 1875 — Rua Barão da Vitoria, 261.

## Alcool e Açúcar

USINA SANTA TEREZINHA S. A. — Fundada em Fevereiro de 1926 — Municipio de Agua Preta, Pernambuco — Escritório no Recife: Rua do Brum, 61 — Diretor-Presidente: José Pessoa de Queiroz.

USINA CACHOEIRA LISA — Doroteu, Araujo & Cia. — Fundada em 1907 — Municipio de Gameleira — Escritório no Recife, Avenida Marquês de Olinda, 124 — Fone, 9372.

USINA SERRO-AZUL — Fundada em 1902 — Municipio de Palmares, Pernambuco — Escritório no Recife, Ed. do Jornal do Comércio — Fone: 6542 — Diretor-proprietário: José Piauilino Gomes de Melo.

USINA NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS — Comp. Açucareira de Goiana S. A. — Fundada em 16 de Outubro de 1923, Municipio de Goiana, Pernambuco — Escritório no Recife — Av. Rio Branco, 193-2.º — Sala 21 — Diretor-Presidente: Diniz Perilo.

USINA CATENDE S. A. — Municipio de Catende — Pernambuco — Escritório no Recife, Rua do Apolo, 107 — 1.º andar — Fones: 9161 — 9564 — End. Tel.: "Catende".

USINA MASSAUASSÚ S. A. — Municipio de Escada, Pernambuco — Escritório no Recife — Rua Mariz de Barros, 161-1.º — Diretor Presidente: dr. José Henrique Carneiro da Cunha.

USINA IPOJUCA — Dourado & Monteiro Ltd., Municipio de Ipojuca, Pernambuco — Escritório no Recife: Rua do Bom Jesus, 227-2.º — Fone: 9374 — End. Tel.: "Jucana".

USINA SALGADO — Joaquim Bandeira & Cia. — Municipio de Ipojuca — Pernambuco.

USINA TIUMA — Fileno de Miranda — Diretor Proprietário.

USINA 13 DE MAIO — Viuva Luzia Pedroza — Municipio de Palmares — Escritório no Recife — Rua do Brum, 131 — Fone, 9261 — End. Tel.: "Trema".

USINA MARIA DAS MERCÊS S. A. — Vila das Marcês — Municipio do Cabo — Escritório no Recife — Rua Duque de Caxias, 281-1.º — Fone: 6758.

USINA ARIPIBU' S. A. — Municipio de Ribeirão — Pernambuco — Escritório no Recife — Rua do Apolo, 100 — Fone: 9356.

## Algodão

SANBRA — Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S. A. — Av. Marquês de Olinda, 133-1.º.

## Artigos de couro

CASA CÓRDOBA — Carteiras — Malas, etc. — Felix Córbova & Cia. — Rua do Livramento, 109.

CASA PIRES — Bolsas, Pastas, Malas, etc. — Antonio Cascão Rua da Penha, 45 — Fone: 6289.

## Artigos para Escritorios

S. A. CASA PRATT — Fundada (Filial do Recife) em 1921 — Rua Caes da Alfandega, 130 — Fone: 9410 — Artigos para Escritorio — Matriz: Rio de Janeiro.

## Artigos para Usinas

E. F. DE PONTES & CIA. — Fornecimento de artigos para Usinas etc. — Praça Artur Oscar, 207 e 211.

## Balas e Bombons

RENDA PRIORI & CIA. — Rua Padre Muniz, 90.

## Café moído

SOCIEDADE DE MOAGENS DO RECIFE, LIMITADA — Fundada em 18 de Junho de 1938 — R. Direita, 90 — Recife — Fone: 6335, 6261 e 6453 — Torrefação de Café e Moagem de Milho — Filiais: Torrefação Modelo, Rua Duque de Caxias, 275 — Café Liberdade, Av. Joaquim Nabuco, 1727, Olinda — Café Lafayette, Rua 1.º de Março, 64.

FABRICA DELICIA — S. Caldas Filho — Rua das Flores, 59.

## Cal

CAL CONGARÇARY — Casimiro Alves & Irmão—Deposito—Praça Siqueira Campos, 313 — Fone, 6535.

## Carburantes

D. P. P. — Carburante a base de Alcool anidro.

CARBURANTE UNIÃO — Industrias Luis Dubeux S. A.

ATLAS — Carburante eficiente para motores de automoveis — Escritório Av. Rio Branco, 193 — Sala, 39.

## Ceramica

CERAMICA S. JOÃO — Escritorio, Rua do Apolo, 234-1.º — Fone: 9344.

SEPA — Tijolos, Ladrilhos — Rua da Concordia, 176 — Fone: 6235.

# A FAVORITA

Matriz em São Paulo  
Avenida Rangel Pestana, 1206.

Casa Filial em Recife  
Rua Nova, 203.

## LOTERIA FEDERAL

Procurem adquirir os bilhetes na

# FAVORITA

que é a sua favorita

### Clubes de Sorteios

BAZAR PERNAMBUCANO — Rua do Imperador, 295 — Fone, 6057.

A INDIANA — Pedro Lange & Cia. — Rua Diário de Pernambuco, 106.

A CONFIANÇA — Ismael Mendes — Largo da Paz, 402 — Fone: 6111.

A FAVORITA — Rua Nova, 203 e Rua da Cambôa do Carmo, 43 — Fone: 6903.

BANCA PREFERIDA — Rua da Cambôa do Carmo — Fone: 6550.

CASA DA FORTUNA — Rua 1.º de Março, 99 e Praça Maciel Pinheiro, 848.

CLUBE BANCO DE OURO — Rua Diário de Pernambuco, 116.

### Comissários

LUÍS INACIO & CIA. — Rua do Apolo, 100-1.º — Fone: 9356.

### Concertos de calçados

CASA RELAMPAGO — Antonio Gonçalves da Silva — Especialista em concertos rápidos de calçados — Rua da Cambôa do Carmo, 66.

### Confecções para homens

CISNEIROS & CIA. — Fundada em 1934 — Rua Duque de Caxias, 281 — Fone: 6758 — Confecções para homens.

### Confeitarias

CONFEITARIA BOTIJINHA — Souto & Magalhães — Praça da Independência, 25 a 31.

ADEGA CAXIAS — J. Ramos & CIA. — Rua Estreita do Rosário, 260 — Fone: 6643.

### Cooperativas

COOPERATIVA DE LATICINIOS DO RECIFE — Cais José Mariano, 470.

COOPERATIVA DOS PLANTADORES DE MANDIOCA DE PERNAMBUCO — Escritório: Av. Marquês de Olinda, 277 — Fone: 9569.

INSTITUTO DO CAFE' EM PERNAMBUCO — Sociedade cooperativa de responsabilidade limitada — Av. Marquês de Olinda, 25 — 1.º andar.

### Cortumes

CORTUME S. JOAO — Sousa & Irmãos — Casa Matriz Av. São João — Caruarú — Filial no Recife, Rua Padre Muniz, 206 — Caixa Postal, 232 — Fone, 6714.

CORTUME SANTA MARIA — Andrade Irmãos — Fabrica e Escritorio. Praça dos Peixinhos — Olinda — Depósito à rua Direita, 12 — Recife — Caixa Postal, 614.

DUNGAN HOOD & C.º INC. — Compradores de peles exclusivamente para seu cortume — R. de São Jorge, 15-1.º andar.

### Drogarias

DROGARIA E FARMACIA CONCEIÇÃO — Dalvino, Sobral & CIA. — Fundada em 1815 — Av. Marques de Olinda, 302.

### Eletricidade

CARLOS GARCIA & CIA. — Rua do Imperador, 331 — Fone, 6511.

### Empresas Gráficas

ESTABELECIMENTO GRAFICO DRECHSLER & CIA. — Insc. 178 — Fundado em 1861 — End.: Rua do Bom Jesus, 183 — Fone: 9108.

EMPRESA "DIARIO DA MANHA" S. A. — Fundada em 1927 — Endereço: Rua do Imperador, 221 — Fone: 6647.

### Empresas de transportes

FONTE & IRMÃO — Praça do Comércio, 18-2.º — Fone: 9244.

### Estivas em grosso

OLIVEIRA FILHO & CIA. — Largo do Paraizo, 306.

ARMAZEM VETERANO — Sousa Braga — Rua da Paz, 212.

LOPES ARAUJO & CIA. — Rua do Livramento, 110.

## PAPEL CARBONO

# ROPER 120

O melhor papel carbono para maquina de escrever

À venda na

## LIVRARIA UNIVERSAL

50 - Avenida Rio Branco - 50

# RECIFE

### Engarrafamento de aguardente

J. GRACIANO & CIA. — Escritório e Depósito Rua Guararapes, 292.

## COOPERATIVA DOS PLANTADORES DE MANDIOCA DE PERNAMBUCO

Única distribuidora dos produtos da  
Fabrica de Farinha Panificável  
do "IBURA"

Teleg. "MANDIOCA" — Fone 9569

### ESCRITÓRIO:

Avenida Marquês de Olinda, 277  
RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

### Exportação-Importação

RENE' HAUSER & CIA. — Tecidos Nacionais e Estrangeiros — Casa Matriz, Rua do Imperador, 542 — Filiais em Alagoas e Paraíba.

MANOEL PEDRO DA CUNHA & CIA. — Exportadores de Café, Algodão e Mamona, etc. — Rua de São João, 531.

BORBA & CIA. — Rua do Bom Jesus, 227-1.º.

BRUNO VELOZO & CIA. — Deposito de Sacarias novas e usadas etc. — Rua Barão do Triunfo, 196 — Fone, 9292. — End. Tel.: "Brulozo".

HORACIO SALDANHA — Fundada em Julho de 1923 — Endereço: Av. Marquês de Olinda, 143-1.º — Fone: 9144 — Importadores de carvão de pedra e Serviços marítimos — End. tel.: "Horsalda".

OSCAR & CIA. — Importadores de Xarque e exportadores de Açúcar — Representantes da "Meridional" Cia. de Seguros, Acidentes do Trabalho — Rua Vigário Tenório, 33.

### Fabricas de Biscoitos

COMP. PRODUTOS PILAR S. A. — Rua do Pilar, 84 — Fone: 9252.

### Fabrica de Calçados

CALÇADOS BRANDÃO — D. Silva & Brandão — Fabrica de calçados — Rua da Paz, 113 — Fone: 6865.

CALÇADOS COMBATE — Severino de Vasconcelos & Cia. — Fabrica de Calçados — Rua da Praia, 83.

CALÇADOS CONCORDIA — Antonio R. F. Lima — Fabrica de Calçados — Av. José Rufino, 1407.

CALÇADOS INDIGENA — João Notario & Cia. — Fabrica de Calçados — Av. José Rufino, 1418 — Fone: 6594.

### Fábrica de Cigarros

FABRICA LAFAYETTE S. A. — Fabricação de cigarros — Fundada em 1887 — Hoje sob a responsabilidade da Sociedade Anonima — Constituida em 21 de Abril de 1939 — End.: Praça do Mercado, 55 a 77 — Fone: 6504.

### Fabrica de doces

CARLOS DE BRITO & CIA. — Fundada em 1894 — End.: Rua Imperial, 532-560 — Fone: 6221 — Fabricas de Doces e Conservas Alimenticias — Possui filiais em Pesqueira, Rio de Janeiro, Rio Bonito (Est. do Rio), São Paulo, Delfim Morera (Minas Gerais).

### Fabricas de Tecidos

TECELAGEM DE SEDA E DE ALGODÃO DE PERNAMBUCO S. A. — Fundada em 1926 — Av. Visconde Suassuna, 393 — Fones: 2288 e 2031 — Fabricação de tecidos de seda, algodão, caroá, rayon, carrapicho e de demais fibras nacionais.

COTONIFICIO OTHON BEZERRA DE MELO S. A. — Fundado em 1895 — Praça Sergio Loreto, 1110 — Fone: 6418.

COMPANHIA INDUSTRIAL FIAÇÃO E TECIDOS DE GOIANA — Fabrica de tecidos de algodão e sacos para açúcar e cereais — Incorporada em Outubro de 1893 — Escritório no Recife: Av. Rio Branco, 23-1.º.

### Fazendas, Miudezas, Camisarias

LOJAS PAULISTA — A maior organização brasileira no comércio de tecidos — Alberto Lundgren & Cia. Ltd. Rua Larga do Rosário e Rua João Pessoa, 260, Recife — Filiais em todo o Brasil.

A PRIMAVERA — Rua Nova, 378 — Novidades — Modas, etc Fone: 6461.

CAMISARIA ESPECIAL — Camisas — Gravatas, etc. — Rua Duque de Caxias, 235 — Fone: 6136.

CAMISARIA GLOBO — Rua Duque de Caxias, 205 — Fone, 6749.

### Ferragens

ARMAZEM DO CABOCLO — Alvares de Carvalho & Cia. — Fundado em 1851 — Ferragens em geral — Rua Duque de Caxias, 340 e 350 — Fone: 6225.

## MANTEIGA

# PEIXE

É a rainha das manteigas.  
Usá-la é preferí-la por toda vida.

DEPOSITO:

**Rua das Calçadas 70**

Fone 6718

RECIFE

PLACIDO FARIA & CIA. — Especialistas em todos os ramos do seu comércio — Rua Duque de Caxias, 276 a 280 — Fone: 6212 — End. Tel.: "Placido".

MANOEL ALMEIDA & CIA. LTDA. — Armazem de Ferragens — Rua do Imperador, 354 e Rua Diário de Pernambuco, 101 — Fone, 6391.

ALBINO SILVA & CIA. LTDA. — Ferragens de todas as especies — Únicos distribuidores das Tintas "Ipiranga". — Avenida Marquês de Olinda, 191 — Fone: 9272.

#### Fundição

CASA RODRIGO — Av. Cruz Cabugá, 269 — Fundição e Serpalarharia.

#### Gasosas, etc.

FRATELLI VITA — Fundada na Baía em 1892; em Pernambuco em 1913 — End.: tel.: "Fratelli" (Largo da Soledade, 1132) — Fone: 2024 — *Baía*: Cristais, Gêlo, Gasosas, Guaraná, Agua Tônica e outras águas gaseificadas; *Pernambuco*: Gasosas, Gêlo, Guaraná, Agua-Tônica. Fabricam, ainda: Rótulos para s/produtos, Tampas — Corôas (chapinhas das garrafas), Vasilhame para seu uso, cartazes-propaganda das bebidas de sua fabricação.

#### Grandes Moinhos do Brasil S. A.

MOINHO RECIFE — Av. Alfredo Lisboa — Fone: 9015.

#### Hoteis

HOTEL AVENIDA — Francisco H. Costa — Avenida Martins de Barros — Fone: 6682.

PALACE HOTEL — Domingos Magalhães — Pr. Maciel Piniheiro, 330 e Hospicio, 7 — Fones: 2041 e 2638.

#### Instalações diversas

TIGRE & CIA. — Fabrica de moveis asépticos — Cofres — Fogões, etc. — Fabrica e Escritório — Av. Cruz Cabugá, 211.

CASA ESCULÁPIO — Instalações para Consultórios, Hospitais, etc. — Rua da Cambôa do Carmo, 104.

CASA TIGRE — Instalações hospitalares, Laboratorios, etc. — Rua Nova, 362 — Fone: 6990.

#### Instalações industriais

BRASILCO LIMITADA — Avenida Marquês de Olinda, 222 — Fone: 9500.

#### Joalherias

JOALHARIA KRAUSE — Krause & Cia. — Fundada em 1879 Joias — Brilhantes — Perolas, etc. — Rua 1.º de Março — Fone: 6420.

#### Laticínios

PAULO BRITTO & CIA. — Fundada em 1928 — Páteo do Mercado, 70 — Fone: 6718 — Laticínios.

Construa  
a sua casa própria  
em pagamentos mensais  
modicos, na  
PREDIAL do NORDESTE  
S/A

ESPERIMENTEM ESTA NOVA MARCA

*Nacionaes*

**Cigarros de Luxo**

Apenas 400 réis uma carteira  
Novo produto da  
**Fabrica Lafayette**

**Livrarias**

RAMIRO COSTA & CIA. — Livros, Maquinas de escrever, etc.  
Rua 1.º de Março, 14-24 — Fone: 6421.

LIVRARIA GUANABARA — Papelaria — Tipografia — Pau-  
tação Encadernação — Artigos para escritório, etc.  
Rua da Imperatriz, 292 — Fone 3042.

LIVRARIA UNIVERSAL — Rodolfo & Pereira — Editora de  
livros didáticos adotados nos principais Ginásios e Co-  
légios do Recife. Av. Rio Branco, 50.

LIVRARIA COLOMBO — M. CAMPOS & CIA. — Tipografia  
— Papelaria — Artigos escolares e para escritorio —  
Livros etc. Rua da Imperatriz, 254 — Fone 2744.

**Louças e vidros**

M. CAVALCANTI & CIA. — Rua da Penha, 61-65 — Fone:  
6358.

**Luz e Força**

PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER C.º LTD. — Rua 1.º  
de Março — Fone: 6750.

**Maquinas de Costura**

SINGER SEWING MACHINE COMPANY — Rua da Impera-  
triz, 162 — Fones, 2091 e 2312.

**Material de Construção**

CARVALHO & CIA. — Cimento — Ferro — Louça sanitaria  
Mosaicos, etc. — Rua da Detenção, 61 — Fone: 6130.

**Movelarias e Serrarias**

SERRARIA A CONSTRUTORA — Moreira, Ramos & Cia. —  
Officinas e Escritórios: Av. Cruz Cabugá, 162 — Fo-  
ne: 2715.

MOVELARIA ELITE — Chapoval & Filho — Rua da Impe-  
ratriz, 95 — Fone, 2564.

A CAMA PAULISTA — Fabrica de camas e moveis de aço  
vergado — Moveis de Vime e Junco, etc. — Faustino  
Filho & Cia. — Rua da Imperatriz, 131.

J. A. NOGUEIRA — Fundada em Maio de 1931 — Rua do  
Imperador, 395 — Fone: 6051 — Loja de Moveis a  
retalho.

**Operações Bancarias**

BANCO AUXILIAR DO COMERCIO — Instalado em 26 de  
Dezembro de 1912 — Capital e reservas: Rs. ....  
7.020:728\$100. Dividendos distribuidos: Rs. ....  
5.050:000\$000 — Filial em Caruarú — Sede central:  
Rua 1.º de Março, 25 — End. tel.: Auxilbanco —  
Caixa Postal. 215 — Gerente: Artur Pio dos Santos.

CASA BANCARIA GUIMARÃES, LTD. — Filial fundada em  
1938 — Rua do Imperador, 446 — Fone: 6116 — To-  
das as operações bancarias.

CASA BANCARIA MAGALHÃES, FRANCO & CIA. LTD. Fun-  
dada em 12 de Julho de 1939 — Av. Marques de Olin-  
da, 104 — Fone: 9583 e 9416 — Capital: 1.000:000\$;  
Reservas: 109:503\$4; Soma do Balancete em 31-10-41:  
28.865:492\$5 — Correspondentes no Barsil e no Es-  
trangeiro — Saca sobre todas as partes do mundo.

BANCO DO NORDESTE — Fundado em 3 de Setembro de  
1934 — Rua do Imperador, 310 — Fone: 6260.

BANCO DO POVO S. A. — Fundado em 27 de Abril de 1920—  
Rua do Imperador Pedro II, 494, Fone: 6179, 6285,  
6947 — Cap. integralizado: 3.000:000\$; Fundo de re-  
serva: 550:000\$; Fundo p/construções e dep. de imo-  
veis: 75:000\$; Lucros suspensos: 174:643\$8; Títulos  
e imoveis pertencentes ao Banco: 1.319:784\$620 — Fi-  
lial na cidade de João Pessoa, Paraiba, à rua Gama e Me-  
lo, 95 — inst. em 2 de Março de 1938 — Carta Patente,  
1530 — Escrit. bancarios nas cidades de Bezerros,  
Pesqueira e Alagoa de Baixo — Est. de Pernambuco  
— Edificios proprios no Recife e João Pessoa — Dire-  
toria: Cel. Alfredo Alvares de Carvalho — Dr. Se-  
verino Marques de Queiroz Pinheiro — Afonso de Al-  
buquerque — Antonio Martins do Eirado — Antonio  
Garpar Lagos — Gerencia: Miguel Gastão de Oliveira  
— A se instalar previamente: Filiais de Natal e da ci-  
dade do Salvador — Esc. em Garanhuns, Pernambuco.

BANCO FRANCÊS E ITALIANO PARA A AMERICA DO SUL  
Fundado em Maio de 1910 — Av. Rio Branco, 104 —  
Fone: 9171 — Abriu recentemente uma sucursal em  
Manizales (Columbia) e duas agencias na cidade de  
Buenos Aires: Cale Bernando de Irigoyen e Mercado  
de Abasto.

BANCO COMERCIO E INDUSTRIA DE PERNAMBUCO S. A.  
— Fundado em 28-9-1933 — Transformado em S. A.  
em 31-8-36 — Av. Rio Branco, 155 — Fones: 9085, 9558  
e 9024 — Capital realizado: 1.500:000\$; Fundo de re-  
serva até 30-6-941; 1.269:932\$5; Lucros suspensos:  
92:712\$1; Soma do Balancete de 31-10-941: .....  
53.427.884\$2.

**O CAFE' LIBERDADE**

é um produto que se destaca pelo  
seu bom gosto e fino paladar

Usá-lo é preferí-lo sempre.

Distribui ainda preciosissimos brindes

**Sociedade de Moagens do Recife Limitada**

Filial de OLINDA

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO — Fundado em Lisboa em 1864 — Filiais em Portugal e Brasil — Rua D. Maria Cesar, 111 — Fone, 9412, 9274.

#### Padarias

PADARIA CRISTAL — Augusto Gomes — Rua do Aragão, 107 — Fone 2718.

PADARIA JAPONESA — Joaquim Azevedo — Padaria e Confeitaria — Rua da Imperatriz, 240 — Fone: 2079.

PADARIA E PASTELARIA N. S. DE LOURDES — M. Costa & Cia. Rua Lazaro Fontes, 122 — Giquiá — Recife — Fone, 6074.

PADARIA E PASTELARIA VENEZA — J. Moura — Rua Falcão de Lacerda, 441 — Tegipió — Recife.

PADARIA LEÃO DO NORTE — Fundada em 1845 — João Moreira da Silva — Pateo do Terço, 28 — Fone, 6690.

PADARIA AUTOMÁTICA — Eduardo Lima & CIA. — Rua das Florentinas, 199 — Fone, 6328.

#### Peças para automoveis

E. SANTORO — Av. Martins de Barros, 252 — Fone: 6463.

G. LUCCHESI & CIA. — R. do Imperador, 351 — Fone: 6360.

#### Perfumarias

PERFUMARIA ORIENTAL — E. F. de Sá — Rua Nova, 233 — Fone: 6252.

#### Placas

CASA BORGES — Oliveira Borges & Cia. — Fabrica de Placas esmaltadas etc. — Rua da Concordia, 800.

#### Refinaria a Vapor

EDUARDO AMORIM & CIA. — Rua José Mariano, 398, 422 e 436.

#### Representações

ELISEU RIO & CIA. — Rua Vigário Tenório, 95 — Caixa Postal, 211 — Fone, 9076.

HUASCAR PURCELL — Av. Marquês de Olinda, 117.

#### Saboarias

SABOARIA DE AFOGADOS — Santos Araujo & Cia. — Escritorio: Rua das Florentinas, 177.

#### Sapatarias

CASA REALENGO — R. Barbosa da Silva — Rua do Livramento, 105 — Fone: 6941.

CASA MAUÁ — Rua do Livramento.

R. BARBOSA DA SILVA — Fundada em 30-10-934 — Rua do Livramento, 105 — Fone: 6941 — Calçados e Chapéus — Vendas exclusivamente a varejo.

#### Seguro contra fogo

ALBERTO FONSECA & CIA. LTDA. — Agentes gerais no Estado da Cia. Inglesa "Pearl". — Av. Marquês de Olinda, 122.

#### Tinturarias

TINTURARIA BRASIL — Rua Camba do Carmo, 92.

#### Transportes ferroviários

THE GREAT WESTERN OF BRAZIL RAILWAY C. LTD. — Fundada em 1875 — End.: Rua do Brum, Recife, 328 — Fone: 9021 — Transportes ferroviários.



CARBURANTE EFICIENTE  
PARA MOTORES DE AUTOMOVEIS

Escritório: Av. Rio Branco, 193 = Sala 39

# ART PALACIO

De 5 a 8 de Fevereiro

Nada mais alegre!

Nada mais divertido!

Nada mais deslumbrante!

ANNA DEAGLE-RAY BOLGER

JOHN CARROLL no filme-revista



## “SUNNY”

com Edward Everett Horton e Helen Westley

Produção e Direção de HERBERT WILCOX (Filme da RKO-RADIO PICTURES)

## EMPRESA DIÁRIO DA MANHÃ, S. A.

Possue as mais bem montadas oficinas gráficas do Norte do Brasil

LITOGRAFIA - TIPOGRAFIA - ENCADERNAÇÃO  
PAUTAÇÃO - ESTEREOTIPIA - LINOTIPIA  
— ZINCOGRAFIA E MONOTIPIA —

**Aceitam-se encomendas de todos os Estados do Brasil**

End. Teleg.: DAMANHÃ

Telefones: 6064 - 6647

**RUA DO IMPERADOR, 221 e 227**

**RECIFE**

**PERNAMBUCO**

A Revista **RENOVAÇÃO** é composta e impressa em nossas oficinas gráficas

# Usina Cachoeira Lisa

AÇUCAR,  
GRANFINA,  
AMORFO  
e CRISTAL

Gameleira - Pernambuco

# Usina Serro Azul

José Piauhyllino Gomes de Melo

PRODUÇÃO:

70.000 sacos de açúcar

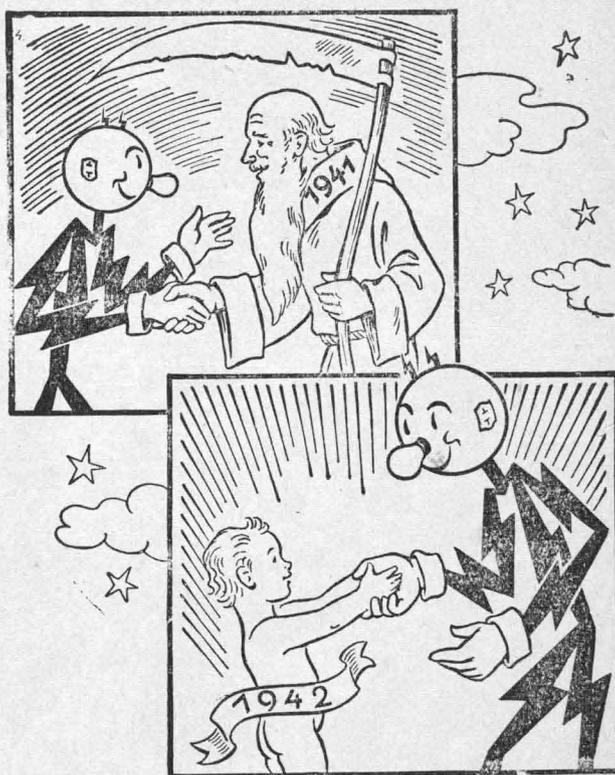
300.000 litros de álcool potável

Dispondo de ótimo e moderno  
aparelhamento

Palmares - Pernambuco

Tip. "Diário da Manhã", S/A. — Recife

PREFIRAM O  
CALÇADO  
**COMBATE**  
FORTE  
E  
BARATO



## NOVAS ESPERANÇAS !

— É com alegria que assistimos ao des-  
pontar de um novo ano, que, como sem-  
pre acontece, esperamos seja melhor do  
que o que passou.

— E eu, não fugindo á regra, espero  
poder servir sempre melhor aos meus in-  
contáveis amigos, aos quais, do coração,  
saúdo! — diz "Seu" Kilowatt, o criado  
elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER Cº. LTDA.  
Rua 1.º de Março, 106 — Tel. 6-7-2-3 — Recife



GRAVURA DE MONTEIRO (V. do R.)